

Diário de Lisboa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO

TELEFONES: P. B. X. 2 0271, 2 0272, 2 0273
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: DIBOAREDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOAPROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.ºEDITOR — JOÃO CHRISOSTOMO N.º SA
NÚMERO AVULSO: 50 CENTAVOS

«Melhores dias surgirão desanuviando o ambiente social das dificuldades presentes» — afirmou o sr. ministro do Interior ao conferir a posse ao novo governador civil do Porto

PORTO, 20.—Teve grande solenidade a cerimónia da posse do coronel do Estado Maior sr. Joviano Lopes, do cargo de chefe do distrito, celebrada hoje de manhã, no edifício do Governo Civil.

Antes da hora anunciada era já grande o numero de pessoas que ocupava os seus lugares no vasto salão da Junta do Douro Litoral.

Nos corredores, gabinete e ante-câmara, encontravam-se as pessoas de maior representação, entre as quais os srs. dr. Luiz de Pina, presidente do município portuense, dr. Antunes Guimarães, coronel Almeida Valente, dr. Cerveira Pinto, dr. Carlos Ferreira, dr. Pires da Cruz, procurador da República, coronel Sena Lopes, capitão de mar e guerra Rodrigues Coelho, dr. Marques de Carvalho, dr. Almeida Garrett, D. Ana Guedes da Costa, eng. Nogueira Soares, cônego António Joaquim Pereira, major Mendes do Amaral, presidentes de todas as câmaras do distrito, numerosos oficiais do Exército, representantes da União Nacional, etc.

A's 11 e 30 chegaram os srs. ministros do Interior e da Guerra e o subsecretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, tendo o sr. coronel Botelho Moniz passado revista á guarda de honra, constituída por uma companhia da G. N. R.

Terminada esta cerimónia, os membros do Governo deram entrada no edifício do Governo Civil, onde eram aguardados pelo general comandante da Região, rodeado pelo chefe do Estado Maior e seus ajudantes, comandante da Polícia e oficialidade, e director da P. V. D. E.

Deu-se depois início á sessão. A mesa foi presidida pelo sr. ministro do Interior que tinha á sua direita o sr. ministro da Guerra, o

sr. coronel Joviano Lopes e dr. Mário de Almeida e, á esquerda, os srs. dr. António Pinto de Mesquita, sub-secretário de Estado dos Estrangeiros, general Gaudêncio da Trindade e dr. Luís de Pina. O sr. dr. Lopes Dias, secretário geral do Governo Civil, leu o auto de posse, e o novo governador prestou o juramento.

O discurso do sr. ministro do Interior
O sr. tenente-coronel Julio Botelho Moniz pronunciou as seguintes palavras:

«Sr. ministro da Guerra: São para v. ex.ª as minhas primeiras palavras: de reconhecimento, pela honra que a todos nos concedeu vindo assistir a esta prometedora cerimónia, e de agradecimento pelo benefício da autorização por v. ex.ª concedida para que o coronel Joviano Lopes pudesse trocar as importantes funções que exercia no Estado Maior do Exército pelas

(Continua na 11.ª pag.)



CONDE PERTH

O sistema

da Sociedade das Nações
era mais democrático
que o da O. N. U.

— afirmou o conde Perth

LONDRES, 20.—Comparando o Organismo das Nações Unidas com a antiga Sociedade das Nações, o antigo secretário da instituição genebrina, conde de Perth (ex-sir Eric Drummond), declarou ontem na Royal Empire Society que as Nações Unidas tinham um valor que contrabalançava todos os defeitos que se lhe pudessem ver—abrangia todas as grandes potências do mundo.

O conde de Perth disse: —Os perigos que defronta a raça humana hoje vieram principalmente da violência com que se revelou o nacionalismo extremo, que constitui o principal perigo para o novo organismo.

Acrescentou que a Sociedade das Nações e a O. N. U. principiavam as suas tarefas numa atmosfera inteiramente diferente. A Sociedade das Nações principiara a funcionar depois dos tratados de paz terem sido elaborados e assinados e com problemas políticos, como as fronteiras nacionais já inteiramente estabelecidas em teoria. Por outro lado, o Conselho de Segurança da O. N. U. teve, nas primeiras semanas da sua existência, de defrontar grandes problemas. Os técnicos dos assuntos tinham dito, na altura de S. Francisco, que os casos da Pérsia, da Grécia, da Indonésia, da Síria e do Líbano, estariam na agenda da primeira reunião e «acho que a maior parte desses técnicos ficariam grandemente alarmados e declararam ansiosamente que um organismo nascente não poderia enfrentar com êxito uma provação dessas».

O conde Perth continuou: —Segundo a minha maneira de ver, enfrentou esses problemas e saiu grandemente fortalecida. Parece-me bom que tais problemas internacionais tenham sido abertamente discutidos no forum mundial.

Declarou que o sistema da Sociedade das Nações de nomear um relator imparcial que se mantivesse em contacto com os protagonistas, quando surgia a disputa, parece melhor do que o actual sistema de deixar a solução e as pesquisas aos esforços dos membros individuais do Conselho de Segurança. Sugeriu que tal sistema da S. A. N. poderia ser adoptado pelo

(Continua na 12.ª pag.)

O novo cardeal português

D. Teodósio de Gouveia
fala ao DIÁRIO DE LISBOA

(Serviço especial da O. R. A. para o «Diário de Lisboa»)

ROMA, 19.—No Colégio Português Pontifical, em San Spirito, foi hoje recebido por Sua Eminência o cardeal arcebispo de Lourenço Marques, na minha qualidade de representante do «Diário de Lisboa» para as cerimónias consistorias.

Dignou-se D. Clemente conceder-me algumas palavras que—disse—envia a Portugal para onde se dirige o seu mais afectuoso pensamento. «Sinto-me comovido e feliz pela honra que a minha nomeação para o Colégio dos Cardeais, representa para Portugal, para o prestígio do meu país e para a glória da sua acção ultramarina de tantos séculos. Eu sou imerecedor de tamanha benevolência do representante de Culto na terra, mas como missionário português ela enche-me de orgulho patriótico. Recai a distinção sobre o nosso Império, creador de civilização. Ficou assim demonstrado o afecto de Sua Santidade pela nossa pátria e o reconhecimento dos serviços que Portugal prestou sempre á Fé, pela redenção dos gentios, e á civilização. Saudos desde Roma, e uma casa que é portuguesa—este Colégio Pontifical—o povo do meu país, e envio um pensamento saudoso e enternecido á minha diocese de Lourenço Marques, ao episcopado de todas as dioceses do Império ultramarino e ao da Metrópole. Não são meus pobres méritos pessoais que me levaram á purpura, mas a acção colectiva e secular das missões portuguesas e da acção do episcopado e dos homens bons de Portugal».

O que a França deseja obter dos Estados Unidos

CLEVELAND (Ohio), 20.—O embaixador francês, Henri Bonnet, disse ontem que a França precisa este ano, dos Estados Unidos, de géneros alimentícios e matérias primas, no valor de mais de um bilião de dólares.—(R.).

D. Clemente Gouveia depois das cerimónias oficiais demorou-se á poucos dias, e dirigiu-se á então a Lisboa—segundo nos declarou—para tomar o paquete para a Madeira, sua terra natal, de onde regressará para as terras de Africa continuar o seu trabalho de missionário prelado. O cardeal de Lourenço Marques é extremamente afectuoso no trato, e como dispõe de muitas relações antigas em Roma, desde o tempo em que foi reitor do Colégio Português, tornou-se popular.

Hoje, quando tomava o seu auto—
(Continua na pag. central)

Vai ser deportado o general espanhol Kindelan

LONDRES, 20.—Os jornais desta capital anunciam de Madrid que o general espanhol Kindelan vai ser deportado para uma das ilhas Canárias, por causa das suas actividades monárquicas.—(U. P.).

(Continua na 12.ª pag.)

A Inglaterra e o Egipto

A nota que o Governo egípcio dirigiu, em 20 de Dezembro, a Londres não difere sensivelmente dum ultimato redigido no estilo cuidado da diplomacia oriental. O Foreign Office respondeu, um mês depois, passando sobre o fundo da controvérsia que divide os dois países e prestando-se amavelmente ás conversações sobre a revisão do tratado de 1936. Quando estas se iniciarem, com a chegada ao Cairo de sir Ronald Ian Campbell, estaldrá o verniz que encobre as incompatibilidades fundamentais entre a tese dinâmica do Egipto e a doutrina defensiva da resposta britânica. Que pede, em resumo, o Governo

do Cairo aos seus aliados ingleses? A retirada completa e rápida das tropas que, nos termos do tratado anglo-egípcio, estacionam no território do seu país. «A presença de forças militares estrangeiras em tempo de paz, diz a nota, mesmo quando essas forças se encontram concentradas em pontos distantes, fere o nosso orgulho nacional e só pode ser interpretado pela opinião publica como a prova evidente de uma falta de confiança que o próprio Governo britânico, estamos convencidos disso, considera injustificada».

(Continua na pag. central)

29 loucas carbonizadas

no incêndio de um asilo
em Santiago do Chile

SANTIAGO DO CHILE, 20.—Um violento incêndio destruiu ontem o Asilo de Mulheres Alienadas, desta capital. Calcula-se que morreram carbonizadas 29 internadas.

Os ultimos numeros oficiais fornecidos declaram que foram já encontrados 13 corpos e que outros 16 estão certamente sob os escombros. Brigadas de bombeiros, dos serviços auxiliares e de forças da Polícia e do Exército trabalhavam arduamente para encontrar os outros corpos que faltam.—(United Press).

Mudou de sexo um prisioneiro alemão

PARIS, 20.—O «Samedi Soir» anuncia que Hans Borgman, de 25 anos, que durante a guerra serviu numa divisão alemã, e que se encontra num campo de prisioneiros, começou repentinamente a mudar de sexo.

A sua voz máscula começou a mudar para uma voz feminina e os seus camaradas notaram que, debaixo do petillho da camisa de Borgman, os seios deste se desenvolveram extraordinariamente.

Os médicos que examinaram Borgman confirmaram que ele, de facto, havia mudado de sexo.

Borgman vê-se perante dois importantes problemas: 1.º—Porque é casado; 2.º—Porque não há nenhuma lei internacional que mande restituir á liberdade qualquer prisioneiro de guerra que se transforme em mulher.—(U. P.).

CASABLANCA

Emp.ª José Miguel — Parque Mayer
Hoje, às 21 e 30 horas
NOITE DA MODA



AMELIA MARIA

2. exibição pública
da grande revelação do
fado

AMELIA MARIA
— Uma certeza e um
grande êxito

Grandioso programa de
«music-hall» com Ma-
ria Norões, Pili
Carbonell, Pepita
Ruiz, Mary Delly,
Branca Velez, Renato
Chaves, cantor Artur
Ribeiro e os célebres
«clowns» musicais

IRMAOS EMILIANOS

A grande Orquestra Caravana,
com Almeida Cruz

Amanhã: Festa artística, do cantor Artur
Ribeiro. Uma grande parada de artistas do
nosso teatro, marcaram-se meses.

Teatro Nacional de D. Maria II

Amanhã, às 21 e 30 — 1.ª repre-
sentação da peça em 4 actos, apro-
vada pelo Conselho de Leitura

O HOMEM E O DIABO

Original de Manuel Frederico
Pressler

Sábado, Tarde Clássica — Teatro
GIL VICENTE — Monólogo do Va-
queiro, Auto da Molina Mendes
e Auto da Barca do Inferno.

Domingo, a tarde, última «matiné-
e» (a pedido)

OS MAIAS

TRINDADE HOJE às 21,45

Continua um grande êxito de gargalhada

A MASSAROCA

com Nascimento Fernandes e todos
«Os Comediantes de Lisboa»

TEATRO MARIA VITORIA

Tel. 22476

2 sessões — Às 20 e 30 e 22 e 45
Grande êxito da revista popular

TRAVESSA DA ESPERA

com Luisa Satanela e a notável atracção
nacional FRANCIS e KUTH e LEONIA
MENDES a grande revelação de 1946.

GLÓRIA

Café — RESTAURANTE —
Rua da Glória, 39-39-A — Tel. 27585

Quinta-feira: Zarzuéla à Glória

Sexta-feira:

Bacalhau à Gomes de Sá

Sábado: Caril de Frango

EXCELENTES VINHOS



CAFÉ PATINAGEM, L.

Rua Angela Pinto, 12-A

HOJE QUARTA-FEIRA, 20

Grandiosa festa de FADO e BAILE com
a colaboração dos distintos artistas da Can-
ção Nacional: MOISÉS CAMPELOS (can-
tor), EMILIA PEREIRA, MARIA DE FA-
TIMA, JULIO VEITAS, JOAQUIM COR-
DEIRO (um «ás» da gargalhada) e acompa-
nhamentos por ACACIO GOMES e SANTOS
MOREIRA.

Grandiosos BAILES CARNAVALESÇOS,
nos dias 21, 23, 24, 27, 28 de Fevereiro e 1,
2, 3, 4 e 5 de Março.

RELÓGIOS E JOIAS

A PRESTAÇÕES

Mensais de Esc. 100\$00 ou a pronto pag.º
se preferir. Omega—Zenith—Longines—Inter-
national—Pateck—ancis, alfinetes, broches, brin-
cos, clips...

Exposição e venda directa, escritório dos Ir-
mãos Cardoso, F.ºs, Rua da Vitória, 73, 1.º,
esquina da R. do Ouro.

ANTIGUIDADES

Compra e Vende

IRENE PEREIRA CORREIA
Exposição permanente — Rua dos Jerónimos, 8-C
(BELEM) TEL. 81-1119

TEATROS E CINEMAS

Atrás do reposteiro

«Cuidado com a Bernarda», é a comédia
que Ascensão Barbosa adaptou para a com-
panhia de «Cômicos Populares», do Apolo,
da qual faz parte a actriz Maria Matos. A
esta peça segue-se outra, de Oscar Wilde, in-
titulada «O Perigo de se chamar Ernesto», que
está a ser traduzida por Alberto Barbosa e José
Galhardo.

—No teatro Sá de Miranda, de Viana do
Castelo, estreia-se hoje, com a revista «A Vi-
tória», a companhia do teatro Maria Vitória,
em «tournée» dirigida por Alves da Silva.

—Na revista de Fernando Santos e Almeida
Amaral, em ensaios no Avenida, o actor Ar-
mando Machado, além de outros papeis, de-
sempna: «O Chico» e «O Anjo da Guarda».
Para a companhia foi também contratada a
actriz Deolinda Saraiva.

—Para tratarem do projecto de transforma-
ção do teatro Aveirense, vão reunir-se todos
os accionistas no próximo dia 3 de Março.

—A seu pedido, abandonaram o grupo
«Verde Galois» os bailarinos Carlos Alberto,
Frederico Norton, José Paulo e António Tei-
xeira, tendo já sido contratados pela empresa
Piero, para a revista do Avenida.

«A Bonequinha do Porto»

Uma encantadora opereta popular
que Lisboa vai em breve aplau-
dir no Variedades

Leve fio de inspirada filosofia popular, en-
cantador recorte de sãs e francas almas do po-
vo a viver e a vibrar, é profundamente huma-
na e encantadora esta deliciosa opereta, que
Arnaldo Leite e Heitor de Campos Monteiro
escreveram e Fernando de Carvalho e Bernar-
do Ferreira inspiradamente musicaram. Tal
com no Porto, onde ainda se encontra em
pleníssimo êxito no Sá da Bandeira, Lisboa
vai em breve aplaudir esta deliciosa aquarela
popular que será apresentada com todos os
cuidados, no Variedades, para que em nada
perca a sua frescura inicial.

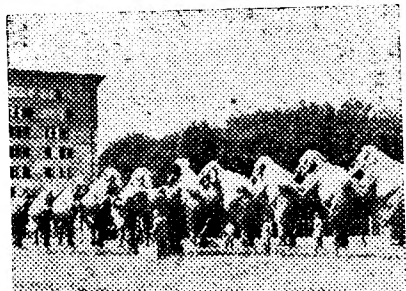
RECINTOS DE DIVERSÕES

Realiza-se hoje, no «Patinagem», uma gran-
de festa de fado, com Maria de Fátima, Emi-
lia Pereira, o cantor Moisés Campelos, Julio
Veitas, Joaquim Cordeiro, Acácio Gomes e
Santos Moreira. Amanhã começam os bailes
de mascarar.

—João Lopes Lino, empresário do Ritz Clube,
seguirá hoje de avião para Espanha, onde vai
tratar de assuntos que se prendem com a parte
artística desta casa de diversões.

Vá ao Coliseu!

se quer ver ainda a Grande Compa-
nhia de Circo Knie. «Matinéas»
todos os dias, às 16 horas,
durante esta semana



A «troupe» de elefantes num trabalho difícil

Lisboa, vai em breve, sofrer um grande des-
gosto, uma verdadeira perda, com a despedida
da Grande Companhia de Circo Knie, da Sui-
ça, que só esta semana, em «matinéas» e á
noite, se exhibe no Coliseu, pois despede-se ir-
revogavelmente do nosso publico no próximo
dia 24. Desejaria o publico que esta formidá-
vel organização se demorasse mais algum tem-
po entre nós, porém, contratos anteriormente
firmados impossibilitam os seus artistas de o
fazer. Por isso toda a gente deve aproveitar
estes ultimos dias para assistir ainda, e aplau-
dir com entusiasmo os maravilhosos trabalhos
das «troupes» de elefantes, chimpanzés, cavalos
selvagens em liberdade, «cow-boys» endiabra-
dos, malabaristas equestres, ciclistas, patinado-
res, trapezistas e super-palhaços musicais en-
graçados que provocam gargalhadas aos
mais sisudos.

O «SERPA PINTO»

seguirá para o Brasil

Com 690 passageiros, muitos dos quais es-
trangeiros, seguirá hoje, para o Brasil o pa-
quete «Serpa Pinto», que conduz carga diversa,
constituída, em grande parte, por produtos por-
tugueses.

PULSEIRA

Em cabochons, safiras e diamantes perdeu-se
no dia 19. Dão-se boas alvissaras. Travessa da
Bela Vista á Lapa, n.º 1, 1.º, dir.º Telef. 61737.

FUME CORT

O melhor cigarro americano

O tempo que faz

SITUAÇÃO GERAL ÀS 6 HORAS (T. M. G.) DE HOJE: Uma vasta zona depressioná-
ria com vários centros dispersos abrangendo ainda
a costa Oriental das Ilhas Británicas, Norte da
França, Países Baixos e Escandinávia. O anti-
ciclone montem-se na região da Islandia e na
região dos Açores. Continua a verificar-se uma
depressão estável.

Temperaturas: Londres, 5º; Paris, 7º; Ma-
drid, 3º; Lisboa (Monsanto), 10º.

PRINCIPAIS FENOMENOS OBSERVA-
DOS: Aguaceiros na Inglaterra, Norte da
França e Países Baixos. Nevoeiros em vários
pontos do Norte da Península. Chuva fraca
nos Açores.

EVOLUÇÃO PREVISTA: Uma frente de
descontinuidade deve percorrer o nosso país
de N a S. Seguindo-se-lhe fenómenos de insta-
bilidade. Por consequência:

TEMPO PROVAVEL AMANHÃ EM POR-
TUGAL: Continuação da instabilidade com
formação de alguns aguaceiros. Vento dos qua-
drantes de N moderado. Pequena descida de
temperatura.

(Informação do Serviço Meteoroló-
gico do Exército).

Temperaturas extremas em Lisboa, hoje, se-
gundo registo do Observatório Meteorológico
Infante D. Luís: máxima, 14,5; mínima, 10,5.
No mesmo dia do ano passado: máxima, 13,0;
mínima, 5,7.

O CHOQUE DE AVIÕES
sobre a Golegã

Do Hospital da Estrela, para jazigo de fami-
lia, no cemitério Oriental, realizou-se, esta tar-
de, o funeral do aluno piloto aviador Celesti-
no Manuel Pinto da Costa, uma das vítimas
do desastre de ontem, ocorrido perto da Go-
legã.

A outra vítima do trágico acidente foi José
Marques Peralta, cujo funeral se realiza aman-
hã, às 15 horas, do Hospital da Estrela, pa-
ra a estação do Rossio, donde o corpo seguirá
para Espinho.

Ambos os funerais estão a cargo da agência
Almeida.

CARREIRAS AÉREAS

Vindos de avião, chegaram, hoje, a Lis-
boa, os srs. Tenchsmacher e De Sonchien, o
primeiro representante da Transcontinental
World Airlines e o ultimo director geral da
mesma companhia para a Europa. Aquellas
duas individualidades, representantes de uma
das mais importantes companhias americanas
de transportes aereos, vêm estudar problemas
relativos ao restabelecimento de antigas car-
reiras entre a Europa e a America, com pas-
sagem por Lisboa.

—No Aeroporto da Portela de Sacavém,
aterraram, esta manhã, dois bi-motores desti-
nados ás linhas aéreas irlandesas. Estes dois
aparelhos vêm de Santa Maria e devem seguir
ainda hoje ou amanhã, para Dublin.

Importante apreensão
de 6 mil quilos de arroz

COIMBRA, 20.—(Pelo telefone).—Os servi-
ços de fiscalização do Grémio dos Armazenis-
tas de Mercaria, coadjuvados por guardas da
P. S. P. apreenderam esta madrugada duas ca-
mionetas, transportando cerca de 6.000 quilos
de arroz em casca que seguia para Oliveira de
Azeiteis.

No comboio correio do Norte, também fo-
ram apreendidos muitos volumes com azeite e
arroz, retirados do mercado legal.

Um grande hidro francês
é esperado amanhã em Lisboa

Era esperado hoje, em Cabo Ruivo, o hidro-
avião francês «Lionel de Marnier», o qual,
por motivo do tempo, só de madrugada ou
amanhã poderá fazer a viagem. Trata-se do
maior hidro-avião francês, que pode transpor-
tar, 80 passageiros.

LICEU DE PEDRO NUNES

Efectua-se depois de amanhã, no Liceu de
Pedro Nunes, a festa anual organizada pelo
seu programa radiofónico «Semana a Semana».
Na parte de variedades colaboram a orquestra
Manolo Bel, irmãs Meireles, Maria Lemos,
Trio Lamiti, José António, Tony Cruz e os
artistas de teatro, João Villaret e Mário Bar-
roso. Segue-se uma parte de teatro, com a re-
vista «Caixote de Surpresas» e a farsa «Im-
provisão do Barba Azul».

PARA OS NOSSOS POBRES

Para a infeliz Maria Emilia Henriques, cuja
triste situação há dias apontámos á generosi-
dade dos nossos leitores, recebemos e agrade-
cemos 50\$00, de Célia Vic.

CERVEJARIA ARTISTICA

Largo de Alcantara, 1

Hoje cantam: Maria Virginia, Bri-
gida Silva, Mário Paninho e Julio
Peres.

Amanhã, interessante espectáculo
de variedades pelo distinto Grupo
RICARDO DOMINGUES
com numeros de sensação para os
apreciadores da Canção Nacional.

O empate com a R. A. F.



E' alusiva ao desafio entre a «equipe» da
R. A. F. e a selecção militar portuguesa a ex-
celente página de Francisco Valença, no «Sem-
pre Fixe» de hoje, que ao acontecimento dedica
também a página gráfica «Ecos da semana»
de Botelho, e a pagina desportiva «Rebola a
bola», com prosa e verso e três desenhos de
Pargana.

A restante colaboração literária e artística
engraçadíssima.

Numero avulso: \$50. Assinaturas: Rua da
Rosa, 57, 2.º (Telefones 20271, 20272 e 20273).

Um leão esfomeado

comeu alguns pretos em Angola

MOÇAMEDES, 20.—Quatro serventes indi-
genas de Lucira foram num barco buscar
água á praia de Catara e, como escurecesse,
resolveram pernoitar e fizeram fogueiras. A
certa altura, porém, foram assaltados por um
leão esfomeado que matou um dos pretos e
arrancou uma orelha a outro, com uma pata-
da. O mestre do barco ainda teve tempo de se
lançar á água e nadar até á embarcação. Quan-
do amanheceu, não viu os companheiros. Mui-
ta gente seguiu para o local, encontrando mor-
tos todos os negros. Foram vistos mais dois
leões.—(LUSITANIA).

Casou-se o príncipe

Carlos da Suécia

NOVA YORK, 20.—O príncipe Carl
John, da Suécia, e a senhora Kristin
Wijmark, de Estocolmo, casaram-se,
ontem, em Riverside.

O príncipe renunciou aos seus di-
reitos e ao titulo, passando a ser sim-
plesmente o sr. Carl J. Bernadotte,
que é o nome de familia da Casa Real
sueca.—(R.).

DE LUTO

José Inácio da Assunção

Em Cascais, faleceu o sr. José Inácio da
Assunção, de 74 anos, industrial, natural da
aquela vila, casado com a sr.ª D. Joaquina
Amélia Jorge e pai dos srs. Eugénio Bernardi-
no da Assunção, funcionário publico, Julio
Pedro da Assunção, comerciante, e Sebastião
Jorge da Assunção, empregado na Companhia
Colonial de Navegação. O funeral, a cargo da
Agência Magno, realiza-se amanhã, ás 11 ho-
ras, do hospital de Cascais para o cemitério
da Guia.

VIDA MUNDANA

«MATINÉE» DANÇANTE

Tem despertado grande interesse a «matinéa»
dançante que, a favor do cofre de assistência
da Sub-Secção Auxiliar Feminina da Liga dos
Combatentes, se realiza, no dia 24 do corrente,
(Domingo magro) das 16 ás 20 horas. Os bi-
lhetes podem ser pedidos pelos telefones
43790 ou 64039.

MADAME VALLE

Apresenta os primeiros modelos de chapéus
chegados de Paris.

ASSEMBLEIA NACIONAL

A Assembleia Nacional continuou hoje, com
a mesma ordem de trabalhos, e, para con-
cluir, os que estão em curso e outros, vai esta
sessão legislativa ser convocada até 25 de Mar-
ço, num periodo extraordinário de um mês.

MAYÁ

O FIGURINO DA MULHER ELEGANTE

DANIELLE VOLTA!

ESTA NOITE A LISBOA
NA ALEGRE COMEDIA
FRANCESA

CAPRICHOS

QUE HOJE SE ESTREIA NO
GINASIO



HOJE, no
MONUMENTAL
(R. CARVALHO ARAÚJO)

A voz de ouro do fado **BERTA CARDOSO** com o sentimental cantador **CARLOS RAMOS** num programa com os artistas: **Isabel Oliveira — Rolanda Rodrigues — Frutuoso França — Fernando Madureira** — Animação de **Filipe Pinto** — Acompanhamentos por **Carvalhinho e Pais da Silva**

AMANHÃ—1.ª apresentação publica do episódio poético de **Carlos Conde**
O CRIME DAQUELA NOITE

O CARNAVAL DO **MONUMENTAL** é monumental




ARCADIA O DANCING N.º 1
DA CAPITAL

Apresenta: **Carmen Macia — Rossend and Mary — Maruja Inglesias — Maruja Herrans y su Ballet — Mary-Mely — Mary Reme.**

MUSICA CONSTANTE PELAS ORQUESTRAS
PRIETO com a animadora **Conchita Muñoz**
e a estilista sul-americana **Inesita Pena**

ARCADIA com o animador **João Valério**

5.ª FEIRA: **BAILE DE CARNAVAL**

VARIEDADES 2 SESSÕES
As 20,30 e 22,45

Exito retumbante da grande revista
Alto lá com o charuto!

Na sua nova fase
Grandioso elenco,
com **Mirita, Vasco e Alvaro Pereira,**
Alberto Ribeiro,
Troupe Perezoff e José Puertas

por Vasco Santana



AVENIDA
às 20,30 e 22,45

O Pão de Ló
UM EXITO



APOLO 2-SESSÕES—2
A's 20 e 30 e às 22,45

A Companhia dos Cômicos Populares
apresenta a comédia em 3 actos
A MADRINHA DE CHARLEY

com **MARIA MATOS e COSTINHA**
à frente de um grandioso elenco

TAVERNA ANDALUSA
BAR-DANCING RUA DA GLORIA, 53

TODAS AS NOITES DAS 8 HORAS ATÉ DE MADRUGADA
FADOS E GUITARRADAS
com os melhores artistas do genero

Júlia Mendes
INAUGURA BREVEMENTE



Se passar por Samora Correia
VISITE A PENSÃO NAZARENO

SÃO LUÍZ 2.ª SEMANA
AS ROCHAS BRASILEIRAS
com Irene Dunne e Allan Marshall
«MATINÉES» DIARIAS

T. 27172—As 21,30

TIVOLI A Odisseia do
Porta-aviões X

A's 21,30
TEL. 059

Com Don Ameche, Dana Andrews, William e Eynne

EDEN Brilham as Estrelas

com Humphrey Bogart, Olivia de Havilland, Bette Davis, E. Cantor, etc.
«Matinées» diárias

A's 21,30
tel. 2 0768

Paliteama HOJE
AS 21,30

Terror na Opera
Um êxito mundial em
Tecnicolor, com Susan Foster, Boris Karloff e Turhan Bey

O DEON PALACIO ESTREIA
Assim é a Glória
(EM TECNICOLOR)
Com WALLACE BEERY

A's 21 e 30
A's 21 e 30

CONDES Comando Secreto

com Pat O'Brien, Carole Landis e Chester Morris
«Matinées» diárias

A's 21,30
Tel. 22523

GINÁSIO HOJE
ESTREIA DA ALEGRE
COMEDIA FRANCESA
CAPRICHOS

tel. 20556 Com Danielle Darrieux

CAPITOLIO A's 21 e 15
Elas também combateram
FESTA A BORDO

TEL. 27493

TERRASSE LAURA
Aventuras de Bufalo Bill

tel. 20917—A's 21 e 15

LYS LAURA
AVENTURAS DE BUFALO BILL

tel. 48560
A's 21 e 15

REX Quando elas se encontraram
A valsa irresistível

tel. 29656
A's 21 e 15

CASINO ESTORIL A's 21 e 30
UM LUGAR NO CÉU
com Ether Waters

JARDIM CINEMA NÃO VALE A PENA ROUBAR
Heróis Esquecidos

Tel. 6306—A's 21

VITORIA CINE CARCAVELOS A's 21 e 5
MALDIÇÃO DA PANTERA
Com Simone Simon

OLIMPIA CLUB O ÚNICO DANCING QUE ESTA' SEMPRE EM FESTA

MARUJA DEL CAMINO Vedeta do «couplet» espanhol
O famoso **BALLET THE SEVEN SUEVIA GIRLS**
CARMEN GALLARDO Gentil bailarina e cancionista
LITA GON Y ANLLEL Parelha de baile americano
ORQUESTRA OLIMPIA dirigida pelo maestro **LUIS ALAGARIM**

RETIRO DOS MARIALVAS HOJE, às 21 horas
Continuação do Concurso de Cegadas, organizado pelo jornal «Guitarra de Portugal»
Exibição da peça em verso de Eduardo Rebêlo
«A JANELA DA VIDA»
Fados por: Marcia Condessa, Manuel Fernandes, José Coelho e António dos Santos.
Amãhã: **Amélia Maria.**




LUSO A's 21,30—Sessão Popular, com António Caricias, Alice de Oliveira, Joaquim Geraldes, José de Castro, Francelina Reis, Acompanhamentos por Casimiro Ramos e Martinho Assunção.
Brevemente: Novas Estreias. Atenção ao Carnaval do Luso—6 formidáveis Bailes abrihantados pela Orquestra PORTUGAL. Reservam-se já lugares.

HOJE O MUSIC-HALL DANCING DA ACTUALIDADE

Mercedes Begoña e o seu **BALLET**
ELENA BARRIOS e CONCHITA GONZALEZ BAILARINAS

SEVILHA

PARQUE MAYER

AMANHÃ das 17,30 às 20
«MATINÉE» DA MODA
Ballet **Mercedes Begoña**
A parelha **JULY ET ELY**
A orquestra **JOSE PUERTAS**
Por especial deferencia a graciosa actriz:
TINA COSTA, cançonetista
FRANCISCO VIEIRA, tenor

CRISTAL BAR DANCING DA MODA
Últimas exibições da famosa ORQUESTRA
Grande triunfo da estrela de baile
BRAZALEMA
Orquestra **SOUSA PINIO** e outras Grandes Atracções Internacionais

HOJE:
1.º GRANDIOSO BAILE DE
CARNAVAL
Estreia de dois artistas
de Alcorcon

SEXTA-FEIRA:
Pela primeira vez em Portugal,
a extraordinária bailarina
CARMEN ROMERO
Ainda esta semana:
LUIS DUQUE
de BARCELONA

Café CRISTAL com a ORQUESTRA **MANOLO BEL** e OS SEUS ANIMADORES **ROBERTO BARREIRA**

TODOS OS DIAS DAS 17 A'S 19,30 HORAS
CHÁ CONCERTO e VARIEDADES

ORQUESTRA **SOUSA PINTO** com o cantor **ALBINO GOMES**

VIDA Literária

JULIO DANTAS



Julio Dantas, retrato a óleo de Abel Manta

Mais uma vez o sr. dr. Julio Dantas ocupa as altas funções de presidente da Academia das Ciências. O polígrafo eminente, que é hoje a figura mais representativa da literatura portuguesa, bem mereceu essa consagração, aliás unânime, dos seus confrades do douto areopago. O escritor ilustre da «Pátria Portuguesa», o mestre dramaturgo da «Severa» e de «Rosas de todo o ano» e o poeta voluptuoso e ardente do «Nada» e dos «Sonetos», é hoje um nome glorioso que se projecta além fronteiras, como um dos mais luminosos símbolos da cultura e do pensamento nacionais. A tantos títulos legítimos que ele tem conquistado, junta-se mais este, que tanto o honra, honrando também a nobilíssima instituição fundada pelo duque de Lafões.

O PRETO NO BRANCO

O COMETA

A descoberta deste novo astro inquieta-me. É enorme, está próximo do Sol, e dizem os astrónomos que o seu diâmetro é vinte e sete vezes maior que o do astro que preside ao nosso sistema planetário. É o que se pode chamar, sem favor, um diâmetro! Mas isso seria o menos. A estrela Capela é quarenta e duas vezes maior que o Sol, disseram-me isso um dia e eu nunca mais pensei no caso. O que há de inquietante no novo cometa não é o núcleo—é o rabo. Nunca de memória de astrónomo, se viu um rabo assim! E não é só a extensão, o comprimento. Nesse capítulo os cometas gozam de inteira liberdade de ter o rabo do tamanho que quiserem. Entre os astros esses exageros não se tornam reparados. Mas é que o novo cometa «dá ao rabo» e isso é extraordinário e escandaloso! Essa prerrogativa, até hoje, tem pertencido aos bichos—os cavalos, os gatos, os cães e certos outros animais que seria inútil identificar e que o fazem por ginástica ou por luxo. Mas até agora, os outros cometas conhecidos têm a cauda quieta, não varrem com ela as planícies do céu, não procuram exteriorizar diante das prescritoras lunetas dos astrónomos, os seus estados de espírito. E digo isto porque, á semelhança do que se passa com os bichos, os movimentos caudais devem exteriorizar o que os astros sentem. Um cão faz festas ao dono agitando a cauda. Um gato, ao contrário, denota irritação. Um cavalo andaluz e outros animais, fazem-no por vaidade ou «coquetismo».

O que caracteriza o homem de génio

«Demonstra Lombroso, com grande copia de dados, a enorme frequência de herança mental patológica nas famílias dos homens geniais, e admite nestes últimos inúmeros estigmas degenerativos e anómalias na sua organização somatopsíquica. Demonstra que os caracteres de precocidade, intenção e super dotação intelectual próprios do génio se associam tanto com anómalias de carácter como com sinais verdadeiros de psicose».

Nos homens geniais observa-se com muita frequência não só transtornos denominados psicopáticos e neurosicos, mas também verdadeiras enfermidades psíquicas, principalmente, a esquizofrenia e a psicose maniaco-depressiva. Ao lado das enfermidades psíquicas são frequentes nos génios aquelas enfermidades somáticas mais influenciadas pelo sistema nervoso, como a enterocolite mucromembranosa, perversões sexuais, enxaquecas, etc. Infere Lombroso que tal frequência de estigmas de degenerescência psíquica nos génios são mais que uma mera coincidência; representam as presumíveis relações entre o génio e a loucura».

(Do dr. Vallejo Nagueira, no artigo «Génio e Loucura até à Sepultura», publicado em «El Español».)

Mas o acto deste cometa é enigmático e inquietante. Porque fará ele isso? A cupula dos observatórios é movel para mais facilmente, suponho eu, seguir o movimento dos astros. Recordo-me até que tive a honra de conhecer um astrónomo celebre, casado com uma simpática senhora, por sinal bastante nutrida. Ora, uma vez, o astrónomo e sua esposa, contaram das suas digressões pela Europa, da sua estadia em observatórios celebres em que o sábio observava os astros e fazia cálculos transcendentes. E eu indaguei, por amabilidade, da esposa do sábio, o que é que ela fazia, acompanhando sempre como acompanhava seu marido nas digressões científicas, enquanto ele espreitava os astros e fazia os cálculos. E a bondosa senhora, que vivia na justificada admiração pelo sábio e pelos seus trabalhos, informou-me com um simpático sorriso em que se exteriorizava toda a doçura do enlevo conjugal pelo génio científico do seu companheiro:

—Enquanto meu marido observa eu ajudo-o, dando-lhe a cupula.

A princípio não percebi. Depois é que me explicaram que era a cupula movel do observatório que a senhora ia pondo na posição conveniente às exigências do observador, manejando alavancas e rodas.

Ora diante do cometa que acaba de ser descoberto, presumo eu que os movimentos da cupula deverão acompanhar os movimentos da cauda do astro e figuro-me qual seria, na hipótese, o trabalho fatigante de quem esti-

RAMADA CURTO

(Continua na 9.ª pag.)



UMA REVELAÇÃO LITERÁRIA

«UM FILHO MAIS»

por MANUELA PORTO

Manuela Porto, um nome de ritmo musical, que parece arder num rutilo clarão de emoção, deu-nos agora o seu primeiro livro. Alguma coisa de profundamente belo e triste, sensível e delicado, nasceu com esta obra na literatura portuguesa. Falta esta confissão de uma mulher que sabe beijar as almas torturadas, descobrindo nos pequenos ou grandes dramas da existência os ocultos estigmas psicológicos dos nossos actos. Não imita ninguém, não coleciona sensações, não falseia, literariamente.

Apenas ela, graciosa e fugitiva, que nos contacta mais subitaneamente da vida, na história de uma lágrima, num desatino íntimo, mergulha a sua sensibilidade admirável, arrancando estranhas harmonias de dor e de sofrimento. Este seu livro «Um filho mais», é uma série de contos, não estruturados sobre casos de especulação fácil e de artifício evidente. O seu segredo literário, perturbante e apaixonado, é o de fazer falar as almas. É na meia sombra das consciências, nos crepúsculos espirituais, na amargura da vida que pode passar, na rua, sorrindo, que Manuela Porto evidencia os seus temas, com uma cominação tão penetrante que nós, insensivelmente, pensamos no divino Amiel, embora este nunca tivesse escrito uma página de novela.

És uma escritora, talvez, a primeira em Portugal, cuja obra devia ser integrada, na literatura universal. É um caso diferente de Grace Carlsile, mas do mesmo tipo intelectual, afinado ainda por uma sensibilidade inquieta, que se arpeja aos mais pequenos choques, aos acordes mais subitâneos, exalando o seu aroma, como um páldio boião de outono, que não chegasse a desabrochar.

É essa timidez íntima, esse receio angustioso, esse pudor estremecente que a faz apaixonar de todos os que choram e não se sabem revelar. Ninguém até hoje nos deu mais, integralmente, o sentimento feminino. O seu conto «Maria» é uma pequena obra-prima. Ela diz-nos como se sofreu e como se evadiu do mundo a mulher humilhada. Não há palavras, quase não há estilo, de tal maneira que a coragem é desnudada! E que dizer daquela rapariguinha que se debruça, tragicamente, sobre a ponte, envolta no nevoeiro da morte?

Para Manuela Porto escrever é um acto de piedade e de ternura. Nas páginas deste livro há retalhos sangrentos da sua epiderme. Todas as abandonadas, todas as vencidas encontram ali, em gritos abafados, o seu mundo íntimo de sonhos e pesadelos. Somos assim, dirão. Manuela Porto não as ressuscitou. Acompanha-as na mesma senda misericórdia, levando a iluminar o caminho um coração que sangra, amarfanhando-o ainda mais, generosamente, não vão perder-se na lobrega jornada.

OS NOSSOS CONTOS

O mesmo fim, novo rumo...

por Maria de São Luiz

Diton era orgulhosa, feliz e muito senhora do seu narizito—por sinal um narizito bem engraçado...

Tinha os olhos de um azul escuro invulgar e os cabelos loiro cendrado e sedosos.

Habituada a vencer todas as dificuldades, não podia compreender como o Destino que sempre lhe fôra agrada vel, a castigara com tamanha crueldade—a dor profunda da sua primeira decepção de amor.

Tornou-se ceptica, desconfiada e o mundo parecia-lhe indiferente. Professaria—pensou.

A mãe, angustiada, pela dor que a filha sofrera e pela sua repentina resolução de professor, chorava e implorava a Deus que não aceitasse a oferta que a sua única e querida filha, lhe fazia da sua mocidade.

Era viúva e os seus dois filhos haviam-lhe morrido ainda crianças. Se a filha professasse que lhe restaria? Como realizar o sonho que sempre tivera de sentar nos seus joelhos trémulos, os netos que lhe chamariam, ternamente, avó?

—Deus misericordioso, chorava—tem pena de mim! Não permitas que a minha filha me deixe só!

«VIDAS TRÁGICAS»

Na apreciação de «Vidas Trágicas», uma gralha lamentável transtornou o nome do seu autor, o distinto romancista Alvaro Valente.

Diton, apesar de ter sido educada amada, satisfazendo todos os seus caprichos, não deixara endurecer o coração. As preces da mãe, as suas lágrimas, encontravam eco no seu coração maguado.

(Continua na 9.ª pag.)

Galeria do Amador



«Mulheres da Nazaré», da distinta pintora Selma G. Marshall, quadro que, brevemente, será exposto na Sociedade de Belas Artes

1 Na colecção de clássicos Sá da Costa, a destacar pelo seu objectivo cultural, começou a publicação das «Obras Completas», de Luís de Camões. Está publicado o I volume, com redondilhas e sonetos, prefácio e notas do prof. Hernani Cidade.

2 «Aventuras de um Guerreiro Mongol» (A Bandeira Azul), de David Leon Cahun. É um romance histórico, no qual se nos revela a Ásia portentosa. Tradução, prefácio e notas de José Pedro Machado.

3 «Virtudes e Malefícios da Imprensa», por Joaquim Salgado. O autor no prefácio apresenta um «esboço histórico sobre a origem, evolução e ética do jornalismo».

ROMANCE, POESIA E ENSAIO



CRÍTICA LITERÁRIA

IMPRESSÕES E COMENTÁRIOS

por
João Pedro
de Andrade

Um livro de contos, por FERNANDO PESSOA

A Editorial Confluência, que já nos dera, na sua secção *Antologia*, a primeira recolha em livro de vários poemas dispersos de Fernando Pessoa, publicou agora, julgo também que pela primeira vez no nosso mercado editorial, uma colecção de *Cartas* do mesmo grande poeta. São elas dirigidas a Armando Côrtes-Rodrigues, seu companheiro de pugnas literárias e um dos colaboradores do *Orpheu*.

Se é sempre meritoria publicar-se a correspondência dos grandes homens desaparecidos, esse mérito redobra quando acontece ser o epistológrafo uma daquelas raras figuras em vida mal conhecidas, que aliam ao talento ou ao génio uma espécie de modestia, voluntária ou não, que fúta aos olhos de estranhos — mesmo quando são, ou se lhes chama, amigos — as particularidades da alma.

Dá-se o caso que, em Fernando Pessoa, tal esquiziz transparece mesmo das singularidades da sua obra — ou principalmente delas — toma aspectos quasi inextricáveis se compararmos os dados que, apesar de tudo, lá se encontram com aqueles que, meio a sério meio a brincar (ou não sei como chamar a certa tendência explicativa de alguns períodos de cartas suas) forneceu sobre a sua própria personalidade.

De qualquer modo o aparecimento do volume de cartas de tão alto poeta, no momento em que se procede ainda à publicação da sua obra, já de certo com grande audiência entre o público, mas pouco propícia a uma imediata compreensão, tal aparecimento representa, da parte de quem o promove, um serviço prestado à cultura portuguesa do nosso tempo.

As cartas de escritores, quando sinceras, isto é, quando não escritas com mira ao interesse da posteridade, são documentos em que só entra a literatura na medida em que cada um transmite aquilo que há em si de involuntária, de modularmente literário. Quer dizer: o que na prosa artística ou de ficção é longeamente trabalhado e pulido, deve aparecer espontaneamente, embora em relâmpagos, nas cartas em que o escritor melhor se revela. Estas não são decerto as epístolas em estilo cuidado, com todos os elementos gramaticais e lógicos no seu lugar, e o brilho literário, reconstituído dos livros, para público, cuidadosamente trasladado para as epístolas que já antevêm a consagração em letra de forma. Tudo o que o escritor há de expressionalmente instintivo e lhe forma as maneiras de dizer, singularidades sintácticas e outras que, devidamente projectadas no consciente, são depois apuradas e tratadas até darem o estilo, tudo lá aparece na sua forma primeira e virginal, com apenas o arranjo exterior indispensável a uma prosa para, como qualquer pessoa, se não deixar ver completamente nua.

Esse é o caso das cartas de Fernando Pessoa a Armando Côrtes-Rodrigues. Não se destinavam à publicidade, e isso dá-lhes um profundo interesse literário. E' claro que elas só interessam por vir de quem vêm, isto é, dum grande poeta português. Quer dizer: aquilo que elas exprimem e significam do homem, só vale porque esse homem se revelou primeiro susceptível de interesse profundamente os seus contemporâneos.

Cá estão, nestas cartas, convertidas em modos de expressão habituais, portanto sinceros, estas maneiras de dizer originais que dão às poesias de Fernando Pessoa inconfundível timbre. A originalidade estava no amago do seu ser, e revelava-se quer num preta quer numa despretensiosa carta a um amigo. Mas as cartas valem sobretudo por aquilo em que vêm adensar — porque lhe acrescentam elementos sem o resolver — o problema da sinceridade de Fernando Pessoa.

Joel Serrão, numa introdução lucida ao livro, ataca de frente a questão, decidindo-se pela sinceridade do poeta. O problema dos heterónimos só é problema porque se confunde com aquele, e no fundo não fazem ambas mais do que um. De resto, na criação dos heterónimos e nos vários tons com que se referia a eles, Fernando Pessoa não foi mais confuso do que noutros aspectos da sua personalidade. Joel Serrão sabe que a questão não é simples, e dando a sua opinião não pretende, segundo suponho, resolver de vez o assunto. Ele sabe também que, com referência a Fernando Pessoa, «a apologia subjuga a visão crítica» e que «feita sobrejante aquela urge iniciar esta última».

Numa carta em que Pessoa se refere a «um período de crise» e em preocupações de disciplina respeitantes à sua vida e à sua obra, diz, a certa altura: «Creio que estou sendo sincero. Tenho pelo menos aquele amargo de espírito que é trazido pela prática anti-social da sinceridade. Sim, eu devo estar a ser sincero». E logo a seguir: «Tenho vivido tanto e tão cansado tempo comigo que estou sempre de pé atrás para com o que sinto e penso»; «...levo horas intelectuais a intrujar-me a mim próprio».

Descontando o que aqui haja de exagero, julgo ser isto a confissão plena e sincera duma natureza que se sente rica e portanto contraditória, e o rebate duma inteligência que co-

nhece todos os alcapões da sensibilidade e as suas próprias razões para se iludir e desparitar. Ora Fernando Pessoa, escrevendo sem qualquer sombra de disfarce ou *pose* literária: «Tenho vivido tanto e tão cansado tempo comigo...», confessava desde logo uma dissociação de personalidade mais nitidamente do que criando os diversos pseudónimos. Estes são invenções de ordem literária — embora com raiz na humanidade do poeta —; aquelas palavras são o desabafo dirigido a um amigo com tal preocupação de ser sincero, que chega a pô-lo em guarda contra os possíveis desvios de sensibilidade e inteligência de que ele próprio tem sido ao mesmo tempo autor e vítima. Não há, pois, aqui que duvidar da sinceridade de F. Pessoa, e o ele próprio duvidar e fazer partícipe dessa dúvida o amigo a quem se dirige, honra-o sobremaneira.

Mas o princípio do duplo, o Outro (que Fernando Pessoa nunca, que eu saiba, aproveitou desta forma na sua poesia, mas que Mário de Sá-Carneiro, seu contemporâneo e amigo, explorou intensamente), fica a partir daqui adstrito à sua personalidade. Fernando Pessoa que foi, em poesia, Alvaro de Campos, Alberto Caeiro e Ricardo Reis, foi, na vida, um homem que viveu e se sentiu viver; que criou, a par duma ciência da vida, uma espécie de esquiziz perante esta ciência, que o fazia estar «sempre de pé atrás» com o que esta lhe fazia aprender. Havia como um outro ser junto de si a auscultá-lo constantemente, e isso aborrecia-o e cansava-o. No entanto, tão intimamente eram as duas partes desse todo, quer dizer, tão próximas andavam a negação e a afirmação, que o poeta, falando do fenómeno num momento de excepcional auto-penetração, isentado de toda a retórica e de qualquer efeito literário, não empregou senão os termos mais vulgares, e que só singulariza o facto de serem todos referidos à primeira pessoa e ocuparem os lugares que normalmente atribuímos a duas: «Tenho vivido tanto e tão cansado tempo comigo que estou sempre de pé atrás para com o que sinto e penso».

Nesta mesma carta fala o poeta da sua vida como de um «estado anárquico», e numa das cartas seguintes, felicitando o amigo por ter ingressado na vida pacata da sua ilha, e sentindo satisfação por isso, declara: «Não sei se no seu caso sentiria o mesmo. Eu nunca sei, neste ou naquele caso, o que sentiria. Às vezes nem mesmo sei o que sinto». Assim, a hipér-lucidez com que tantas vezes analisa as próprias sensações sucede esta confissão certamente correspondente, quanto ao último período, a um estado de depressão passageira.

Assente o princípio da sinceridade de Fernando Pessoa, não já na sua obra (parece-me, de resto, um problema quasi sem sentido esse da sinceridade da obra de um poeta visto através da veracidade dos casos evocados na sua poesia), mas em certos momentos afectivos, como os que testemunham repetidamente as cartas a Côrtes-Rodrigues, temos de aceitar como sinceras as suas afirmações quando, naquela mesma carta em que o poeta põe em dúvida a própria sinceridade, afirma a sua preocupação de trazar «uma linha metódica e lógica» e a sua vontade de «disciplinar a sua vida», quando, mais tarde, afirmando uma «consciência cada vez maior da terrível e religiosa missão que todo o homem de génio recebe de Deus com o seu génio», considera «vaca» e «repugnante» «tudo quanto é inutilidade literária e mera arte» e afirma que o seu «próprio conceito puramente estético da arte subiu e dificultou-se», e despreza «a ambição grosseira de brilhar por brilhar, e essa outra, grosseiríssima, e de um plebeísmo artístico insuperável, de querer *épater*».

Ora o homem que, nessa importantíssima carta de 19 de Janeiro de 1915, que ele considera «de género psicológico» e em que pretende desvendar «nitidamente e fraternalmente» o seu «caso», declara que em certas composições «a sua atitude para com o público é a de um palhaço», hesita ainda em promover a aparição dum novo género literário a que chamava o Interseccionismo, de que são amostras elucidativas os poemas *Chuva Oblíqua* (que vem na primeira parte do livro «Poesias») e que ele considerava quasi-blaque, inclinando-se por fim para esse empreendimento por motivos... patrióticos. Precisamente um mês depois, numa carta alvoroçada e em estilo absolutamente comum, dava conta a Côrtes-Rodrigues do próximo aparecimento do *Orpheu* e pedindo colaboração, recomendava «Mande o mais interseccionista que tiver». As cartas seguintes referem-se, com o mesmo entusiasmo ao projecto da revista, logo transformado em realidade. Tem frases como estas: «Temos que *firmar* esta revista, porque ela é a ponte por onde a nossa Alma passa para o futuro». «*Somos o assunto do dia em Lisboa*», sem exagero lho digo. O escândalo é enorme. Somos apontados na rua, e toda a gente — mesmo extra-literária — fala no *Orpheu*. «Tantos e tais foram os artigos, que em três semanas o *Orpheu* se esgotou — totalmente, completamente se esgotou». Os sublinhados e os duplos sublinhados abundam nas cartas, a significarem uma excitação que as palavras

simples não conseguiram exprimir.

Que se deprende de tudo isto? Que Fernando Pessoa, cuja carta de auto-biografia espiritual 19 de Janeiro de 1915 manifestava tanto desapego pelas vaidades terrenas (apesar da convicção implícita em palavras suas de ser homem de génio), que pretendia dar uma feição profundamente séria aos seus escritos daí por diante, que confessava com desgosto serem de palhaço atitudes patentes em algumas das suas composições, este mesmo Fernando Pessoa de propósitos tão graves regosiava-se, pouco depois, com o êxito de escândalo duma revista que ajudara a fundar, e considerava «um triunfo absoluto» a abundância de artigos de troça e incompreensão com que a mesma revista era saudada.

O observador superficial verá aqui uma irreductibilidade de atitude. Eu continuo a ver aquilo que já afirmei uma vez, o que fez vir à estacada, incoerentemente, um dos poetas irreverentes do tempo, muito aborrecido por eu não o ter citado: sinceridade no esforço para a criação duma literatura viva; insinceridade em muitos dos trabalhos com que concorreram (ele Fernando Pessoa e os outros componentes do grupo) para esse esforço.

Na verdade, o que há de aparentemente discordante em Fernando Pessoa explica-se pelas próprias razões do movimento, e também pelos seus objectivos «Ter uma acção sobre a humanidade», escrevia ele na já citada carta — contribuir com todo o poder do meu esforço para a civilização vem-se-me tornando os graves e pesados fins da minha vida». Não enfeitando de todo o lançamento dum «Manifesto» — a ideia da revista não aparecera ainda —, entendendo-a como um excitante que possa «agir sobre o psiquismo nacional». Era, em todo o caso, preciso fazer surgir «novas correntes de ideias e emoções que nos arranquem a noxa estagnação». (Isto escrevia F. Pessoa meses depois de ter deflagrado a primeira grande guerra).

Fernando Pessoa conciliava, assim, a sua alta noção da literatura com a criação duma revista escandalosa, que fazia rir o público e inspirava aos jornalistas conspícuos artigos tremebundos que por sua vez faziam rir os colaboradores da revista. Não era talvez esta dupla girandola de risos o objecto mais próximo das aspirações do poeta. E, em todo o caso, sempre ficava comprometida a tal gravidade e a tal seriedade que ele pouco antes dissera inseparável dos seus intuitos. O Interseccionismo mesmo, antes condenado, lá figurou no n.º 2 e derradeiro do *Orpheu*, através dos poemas *Chuva oblíqua*.

Sinceridade parcial; insinceridade parcial: eis como se podem classificar as atitudes dos homens do *Orpheu*, com Fernando Pessoa, como o mais responsável, à frente de todos. A disparidade existente entre os intuitos deste e a sua acção posterior, isso é que só a ele pertence.

Mas não se pode atribuir a falta de sinceridade a falência dos projectos de edificação espiritual. A criação da revista iria deitar por terra tais projectos, mas já em Janeiro de 1915 F. Pessoa mantinha uma reserva — apesar do seu, no momento, sentido *monástico* da arte — quanto à possibilidade de acontecimentos identificados. Para empregar termos seus, o poeta *intrujava-se a si próprio* quando falava em «ideia patriótica», «erguer alto o nome português» e «noção-do-dever», a propósito do aparecimento de qualquer coisa que viria a ser a revista *Orpheu*.

Apesar da hipér-lucidez que Fernando Pessoa demonstra em muitos dos seus escritos em prosa e verso, do profundo conhecimento que tinha de si próprio e da espécie de bonomia irónica com que algumas vezes se refere a motivos da sua obra, ele era, como homem, susceptível de flutuações de humor, de tomar resoluções supostas graves que depois abandonasse ou esquecesse e, mais do que muitos outros homens, devido à excepcional riqueza da sua personalidade, de se equivocar — com uma margem de voluntariedade — nas determinantes dos seus actos.

As cartas reunidas neste livro são de 1913 a 1916, com uma só datada de 1923, quer dizer, na sua maioria dos vinte e tantos anos do poeta, quando a sua personalidade estava longe de atingir o ponto mais alto do seu enriquecimento interior. Elas constituem, de facto, elementos notáveis para o estudo do poeta, mas os problemas que se lhe referem não ficam, por elas, resolvidos.

Nem nessas cartas nem em outras posteriores, já vindas a público, devemos fiar-nos em absoluto nas informações de Fernando Pessoa a seu respeito. Ele é o homem que aos vinte e seis anos se confessava cansado de si próprio. E em tais circunstâncias — já dizer em tal companhia — era-lhe difícil prestar informações seguras sobre alguém que ele conhecia muito intimamente mas cuja duplice personalidade — com uma forte e subtil inteligência pudessem ser tão hábilmente defendida como dividida por ambas — fazia que uma verdade uma mentira, e uma aparência tão habilmente sugerida que tomasse o lugar duma verdade. E' que dentro dele havia lugar para a sinceri-

dade e a simulação, mas uma simulação que não excluía a verdade, porque às vezes era um embelezamento dela, ou uma adopção de elementos que tornassem mais simples o que de si era complicado.

Dai a criação dos heterónimos. Durante certo tempo F. Pessoa quis esconder de alguém — que seria mais tarde o editor do *Orpheu* — a qualidade de seu heterónimo de Alberto Caeiro. Isto habilita-nos a supor que ele pensasse ocultar de todos, afora os mais íntimos, o seu triplice desdobramento. De facto, só com o desconhecimento de todos os que não fossem ele a sua iniciativa teria significação completa. Representaria assim um acto de libertação plena, e Fernando Pessoa poderia assim, através dos nomes que lhe apetece, dar largas àquela faceta da sua personalidade que quisesse fazer-se ouvir, estabelecer mesmo diálogos em que poderiam chocar-se concepções diferentes, consoante as razões que mais alto falassem dentro do poeta. E' certo (ou julgo certo) que em cada uma das obras de Alvaro de Campos, Alberto Caeiro e Ricardo Reis, não há nada que fundamentalmente negue a dos outros. Trata-se de atitudes cujas diferenças são mais estéticas que doutrinares, e que só poderiam ser tomadas por quem tivesse a cultura, o talento e, é claro, as tendências dispare de Fernando Pessoa. A despeito de certos encontros de expressão, se visionássemos, por exemplo, um Ricardo Reis poeta independente, poderíamos admitir um senhor grave que extra-vasse o seu paganismo constitucional para as classicíssimas odes e que ao ler poemas de Alvaro de Campos ficaria a impar de indignação. Mas o próprio Fernando Pessoa não tem, na obra firmada com o seu nome, documentos do mais ousado desrespeito pelas leis e pela tradição literárias, a par de tantos e tão belos poemas que juntam a originalidade expressional a estrita observância das regras clássicas?

Entretanto, não me parece sofrer dúvida que, inventando os heterónimos, Fernando Pessoa obedeceu a um imperativo interior do seu psiquismo — como ele diria — e criou assim uma fórmula ideal para falar livremente. Ele próprio se dizia um poeta dramático, mas, não dominando a técnica dramática — como o demonstra o seu «drama extático» *O Marinheiro* (que para não ser verdadeiramente drama lhe basta ser extático) — embora as «forças vivas em acção» dentro dele (a que se refere uma das cartas) pudessem encarnar diversas personagens de drama, preferiu encarnar em poetas imaginários, de características diferentes, as principais correntes do seu pensamento poético e das suas tendências estéticas.

O processo, é claro, tinha seus perigos. Em natureza que tão dificilmente dominava as próprias fantasias, havia, pelo menos, o perigo de um dia vir a brincar com o que tinha uma origem séria. Isso deu-se, por exemplo, na *Athena*, em que se travou uma polémica entre Fernando Pessoa e Alvaro de Campos... E a sensação de liberdade encontrada na nomeação desses agentes da sua poesia fez-o preconizar o processo aos amigos — como se os problemas dos outros tivessem a intensidade dos seus!

Paro aqui, sem mais considerações. Fernando Pessoa é um assunto apaixonante, e tão rica que dificilmente se pode pôr alguma ordem nos escritos apressados a seu respeito, como este. Não admira porque ele próprio, quando falou de si, não foi também modelo de clareza e do ordem.

JOÃO PEDRO DE ANDRADE

UM MONUMENTO DA LITERATURA UNIVERSAL

CRISTINA LAVRANS DATTER

E' posto á venda esta semana o 3.º e ultimo volume desta obra — prima de SIGRID UNSET

Sigrid Unset é uma das maiores romancistas do nosso tempo. As suas obras estão traduzidas e divulgadas por todos os cantos do mundo. Publico e crítica universais acompanham o labor literário desta mulher extraordinária com verdadeiro assombro e encantamento.

No nosso país, deve-se à Portugália Editora a revelação desta romancista genial, consagrada pelo Prémio Nobel. A obra que a Portugália escolheu para traduzir é, talvez precisamente, a mais bela e mais representativa do génio de Unset: a trilogia *Cristina Lavransdatter*, o assombroso romance da Noruega medieval, cheio de emoção, de tragédia, de poesia, de paixão, de beleza, — de génio, enfim! *Cristina Lavransdatter* é, assim, dos romances mais extraordinários que já se traduziram para português: uma obra que ninguém com cultura literária tem o direito de desconhecer.

O romance compõe-se de 3 volumes: *A Coroa*, *A Esposa*, *A Cruz*. E' este ultimo que acaba de ser publicado.

Maria Franco, contista e desenhadora, traduziu magnificamente esta obra-prima do nosso século — de todos os séculos —, e fez também as capas dos 3 volumes. No conjunto, um monumento literário apresentado com honestidade e bom gosto.

Parabéns à Portugália pelo belo serviço que nos prestou com a publicação desta obra imorredoura.

Auto-Club Médico Português

Realizando-se na próxima sexta-feira, dia 22 do corrente, pelas 22 horas, a posse dos Corpos-Gerentes eleitos na Assembleia Geral do ultimo dia 15, convidam-se todos os sócios a honrar com a sua presença o referido acto.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral.
Prof. Diogo Furtado

A reunião do Consistório

(Continuação da 1.ª pag.)

movel á porta do Palácio da Chancelaria, foi D. Clemente abordado por uma pessoa de distinção, que o novo cardeal imediatamente reconheceu. Tratava-se do dr. Mário Mondadorio, que há anos assistiu á gravíssima enfermidade do então reitor do Colégio; D. Clemente abraçou-o, deu-lhe o braço e convidou-o a jantar em San Spirito.

D. Manuel Cerejeira, cardeal patriarca de Lisboa, e D. Clemente Gouveia, tem-se encontrado várias vezes, numa grande cordealidade portuguesa, mas, como se compreende, os antigos cardeais, que tomaram parte no consistório secreto de segunda-feira, estão presentemente menos em foco.

ENZO BOLASCO

O cardeal Gouveia recebido pelos antigos cardeais

ROMA, 20.—No Palácio da Chancelaria, na Piazza della Cancellaria, D. Clemente Gouveia foi recebido pelos cardeais do Sacro Colégio que tomaram parte no Consistório Secreto. Os embaixadores acreditados no Vaticano, entre eles o dr. Carneiro Pacheco—que ainda está a exercer as suas funções enquanto não chega o sr. conde Tovar, novo embaixador—acompanhados de seus secretários, visitaram um por um todos os novos cardeais.

Diplomatas e cardeais ex-inimigos

Este acto protocolar tem, desta vez, uma nova significação, e representa a universalidade da Igreja e equivale a uma verdadeira fraternidade pela paz entre os homens. Com efeito os representantes diplomáticos ex-inimigos ainda há poucos meses visitaram em homenagem os novos cardeais e as saudações foram expressivas e sem a mínima reserva. O cardeal Tedeschini, nomeado camerleigo, trocou efusivos abraços com os cardeais ingleses e americanos.

A cidade está animadíssima, pela grandiosidade do acontecimento, que transcende da vulgaridade dos consistórios neste século, depois de um período bélico e agitado, que ainda se mantém de certo modo, depois da guerra acabada.

A popularidade dos americanos

As centenas de jornalistas, fotografos, operadores cinematográficos não perdem um quadro oficial ou uma cena da rua. Os cardeais americanos, sobretudo, andam por vezes a pé, seguidos de multidão. Os automóveis, em numero de mais de uma centena, postos á disposição dos cardeais novos e antigos, e de seus séquitos, não chegaram, e tiveram de ser cedidos muitos automóveis pela U. N. R. R. A.

O Consistório de hoje

No Consistório de hoje, os novos cardeais recebem o barrete e as zuquetas. No consistório de amanhã o Pontífice imporá, um por um, a todos os purpurados novos o chapéu cardinalício, cujo tipo foi usado pela primeira vez pelo cardeal espanhol Merry Del Val, secretário de Estado de Pio X, em 1903.

Por coincidência, foram emitidos agora os novos selos do quarto centenário do Concílio de Trento. Aos cardeais e corpo diplomático vão ser distribuídas medalhas comemorativas.

Quais são os quatro futuros santos a canonizar

ROMA, 20.—No Consistório Secreto de segunda-feira o cardeal Salotti, prefeito da

Congregação dos Ritos, expôs as informações acerca dos processos de canonização de quatro figuras da igreja já beatificadas. E essas são: A beata Javiera Catrini, italiana, de nascimento, do Instituto do Sagrado Coração em Chicago, e que viveu quase toda a vida nos Estados Unidos; a beata Isabel Des Anges, francesa, da Ordem das Servas de Santo André; o beato João de Brito, martir português da Índia (século XVII) e o beato Bernardino Realino, jesuíta italiano.

A idade dos cardeais

Dos novos cardeais o mais idoso é o cardeal norte-americano Glennou, de San Luis de Missouri, que conta nada menos de 83 anos. O mais jovem é o cardeal inglês, arcebispo de Westminster, Bernard Griffin, que tem 46 anos. Os cardeais da Austrália e do Canadá ainda não têm 50 anos.

Dos 32 cardeais novos, e ao contrário do que sempre tem sucedido, só um pertence a uma ordem religiosa, e esse é precisamente o chinês, da Congregação do Verbo Divino, Padre Tomás Tien.

A lista exacta dos 32 novos cardeais que hoje receberam o chapéu

Tem-se escrito que os novos cardeais são em numero de 32, mas os seus nomes, com excepção feita aos de quatro ou cinco países, não aparecem citados. Uma lista publicada no fim de Dezembro era incompleta, e, em parte, errada. O «Diário de Lisboa» pode inserir hoje os nomes que compõem o grupo novo do Colégio Cardinalício, eminências purpuradas que esta manhã receberam das mãos de Pio XII o chapéu de cardeal, cerimónia de tradição secular, e que corresponde á confirmação.

Itália (que fica com 27 cardeais)—Benedetto Masella, arc. titular de Cesavea, nuncio no Rio de Janeiro, Clemente Micara, arc. titular de Apamea, nuncio em Bruxelas, Giuseppe Bruno, secretário de congregação, Ernesto Ruffini, arc. de Palermo;

França (que fica com 7)—Jules Saliege, arc. de Toulouse, Emile Roques, arc. de Rennes, Pierre Guilleville, arc. de Rouen;

Espanha (que fica com 4)—Enrique Plan y Deniel, arc. primaz de Toledo, Manuel Arce y Ochotorena, arc. de Tarragona, Agostinho Parrodo y Garcia, arcebispo de Granada;

Portugal (que fica com 2)—Teodosio Clemente Gouveia, arcebispo de Lourenço Marques, Alemanha (que fica com 4)—Joseph Frings, arc. de Colónia, Conrad von Preysing, arc. de Berlim, Clement von Galeu, bispo de Munster; Inglaterra (que fica com 2)—Bernard Griffin, arc. de Westminster;

Polónia (que fica com 2)—Adam Sapielha, arc. de Cracóvia;

Hungria—Joseph Mindszenty, arc. de Esztergom;

Holanda—John de Yong, arc. de Utrecht; Estados Unidos (que fica com 5)—Francis Spellman, arc. de Nova York, Samwel Stritch, arc. de Chicago, Edward Mooney, arc. de Detroit, J. Glennou, arc. de Saint Louis;

Brasil (que presentemente não tinha nenhum)—Carlos de Vasconcelos Mota, arc. de S. Paulo, Jaime da Camara, arc. do Rio de Janeiro; Canadá—James Mac-Guigau, arc. de Toronto;

Argentina (que fica com 2)—António Cagiano, arc. de Rosário;

Peru—Juan Guevara, arc. de Lima;

Chile—José Caro Rodriguez, arc. de Santiago;

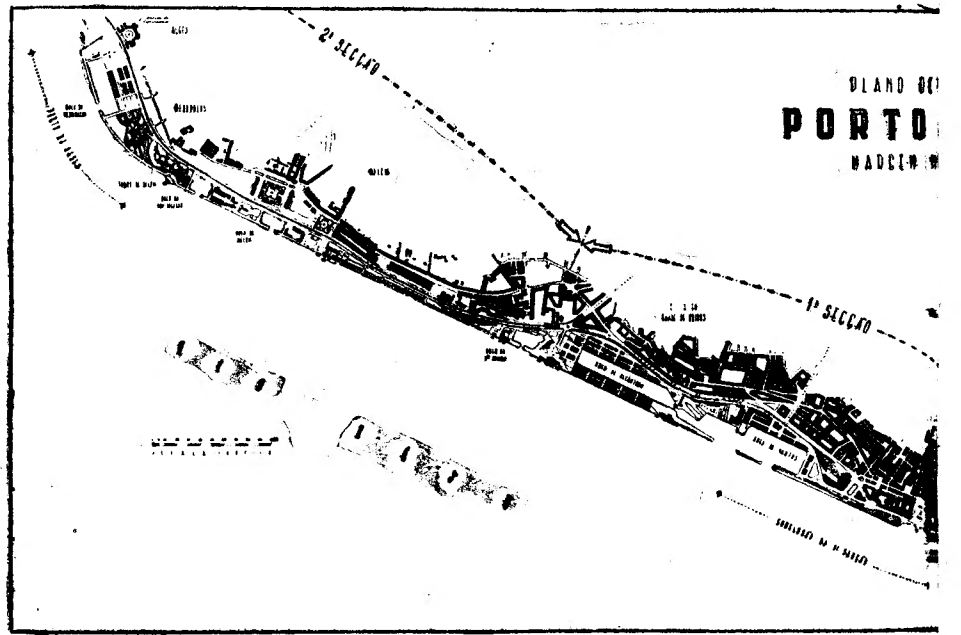
Cuba—Manuel Arteaga, arc. de San Cristóvão;

Austrália—Norman Gilroy, arc. de Sydney;

China—Tomaz Tien, vigário apostólico de Tsing-Tao;

Síria—Gregório Aggarian, patriarca da Cilícia, na Arménia.

Alguns destes cardeais, como os americanos Spellman, Mooney, e os italianos Bruno e Ruffini, já estavam indicados desde 1939.



João de Barros

fará esta noite

uma conferência no Porto

João de Barros foi hoje ao Porto pronunciar uma conferência em que falará de «Cantores e intérpretes do povo português». O escritor evocará a obra de outros escritores para oferecer ao auditório atento do Clube Fenianos Portuenses a série de quadros dos escritores que mais caracterizadamente se mostravam em íntima comunhão com a alma do povo português. Assim, recordará, de Fernão Lopes a Fialho de Almeida, o que deixaram escrito Gil Vicente e Camões, Rodrigues Lobo e Garrett, Herculano e Camilo, João de Deus e Junqueiro, Cesário Verde e Oliveira Martins, Ramalho e Teixeira de Queirós.

A conferência, que se efectuará, hoje, ás 21 horas, é organizada pela Liga de Profilaxia Social e está a despertar o maior interesse em todos os meios portuenses.

EM 3 LINHAS

A Associação Industrial Portuense ofereceu em 1945 doze prémios de trabalho operário e de estudo, no montante de 31 contos.

///

Foi exonerado, com louvor, de secretário do ministro das Finanças, o dr. José Sollari Allegro.

///

A cortiça portuguesa exportada no ano passado atingiu 142 mil toneladas, das quais a quinta parte foi cortiça virgem.

///

O preço da batata, que já sobe de 4 escudos para 5, é de tal modo excessivo, que toca as «raias do escândalo», no dizer do povo.

///

Chegou a Lisboa o sr. Andrew Marshall, novo correspondente e director da Agência Reuter, no nosso país, em substituição do sr. Douglas Brown.

///

Regressaram hoje ao seu país os últimos holandeses que ainda estavam na Praia das Maças: o marítimo Bob, sua mulher e três filhinhos, um dos quais surdo-mudo, nascidos naquela localidade.

TOMOU POSSE

o novo comandante da Polícia Marítima

No gabinete do capitão do Porto de Lisboa, sr. capitão de mar e guerra Guerreiro de Brito, tomou hoje posse, do cargo de comandante da Polícia Marítima, o sr. capitão-tenente Flávio de Oliveira e Sousa.

Ao acto, que foi muito concorrido, assistiram elementos daquele departamento da Marinha, amigos do empossado e o sr. comandante Sales Henriques que, até há pouco, ocupou o referido cargo.

O sr. capitão do Porto de Lisboa fez o elogio do empossado e referiu-se, em termos também elogiosos, á acção desenvolvida pelo sr. comandante Sales Henriques, durante o seu exercício.

Para Ter A Sua Casa

adornada com gosto, não esqueça que as Pratas mais artísticas e de melhor estilo vendem-se na

Grande Ourivesaria da Moda

257—Rua da Prata, (Esq. de Santa Justa)

Este é o plano de melhoramentos do que o Governo submeteu á Assembleia, da margem direita, de fusamento de pesca com instalações para o ordinária; muros-cais e terraplenos na extensão de 1.200 metros, e com regularização da margem entre Xabrega 2.000 metros, e conclusão da doca de regularização da margem até Beirã, das docas de Belem e do Bom náutico, construção em Cabo Ruivo, viço de combustíveis, e de outra em douro Municipal e ao Depósito Geral esquerda construir-se-á uma doca; plano fazem parte obras de instalação e aparelhos.

ECOS

Pela «nota oficiosa» do sr. ministro da Economia, somos avisados de que pode vir a ser necessário reduzir a ração de pão. A notícia encerra uma prevenção necessária ou antes, uma premonição. Desde que escasseia o trigo e não é fácil repetir o milagre da multiplicação dos pães, não há duas saídas para uma situação, que só oferece uma—diminuir o consumo.

O fenómeno é geral, salvo em certos países privilegiados, onde a natureza se mostrou mais generosa. Assim desfalcados, temos de apelar para uma alimentação que torne menos sensível a sua falta. Pronunciem-se a tal respeito os estudiosos e trate cada um de remediar-se, abastecendo-se como lhe seja possível.

Que será este ano a produção cerealífera, tanto cá dentro como lá fora?

Qual o rendimento de favas e batatas? Haverá abundância de frutas e de uvas?

Convencemo-nos de que, caso tudo corra favoravelmente, os negrumes ir-se-ão esbatendo e os cuidados perderão o seu nervosismo.

O sr. ministro da Economia refere-se propriamente ao que poderá acontecer, dentro da dureza das circunstâncias. Na hipótese de não se verificar o pior, contentar-nos-emos com o actual racionamento, que é melhor do que mau.

Hugo Rocha publicou «Jornalistas»—um belo trabalho em que nos apresenta a sua maneira de pensar sobre uma profissão mal apreciada. Há escritores que se fazem jornalistas e jornalistas que se fazem escritores, diz ele, mas quer uns, quer outros têm obrigação de ser cultos, educados e amigos da verdade. Hugo Rocha—poeta, jornalista e romancista—pode servir de exemplo, porque consegue ao mesmo tempo ser o homem dos acontecimentos e o dramaturgo das situações. No seu entender, são os seguintes os deveres do bom profissional:

1.º—Zelar os interesses honestos e legítimos da Nação.

2.º—Defender os honestos e legítimos interesses do público.

3.º—Pensar, ao escrever, no bem ou no mal que os seus escritos poderão fazer ao indivíduo ou á sociedade.

4.º—Não explorar a credulidade publica com fantasiosas narrativas ou tendenciosas informações.

5.º—Pôr o cunho pessoal na obra realizada, usando a pena, o mais possível, ao serviço do seu bom senso e do seu bom gosto.

6.º—Ser disciplinado sem ser servil.

7.º—Não prejudicar, com deslealdade ou

AMANHÃ

“SELECCÕES” DE NOVEMBRO

DISTRIBUIDAS PELAS

LIVRARIA BERTRAND-LISBOA

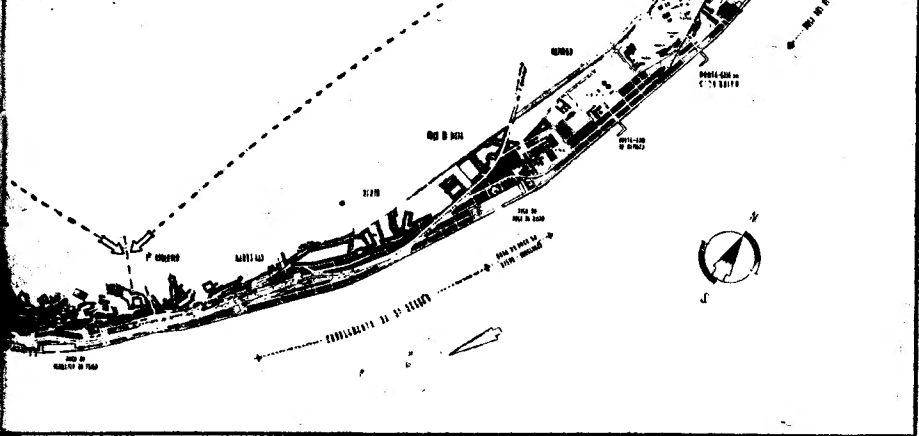
LIVRARIA INTERNACIONAL, L.º-PORTO

3\$50

Aceitamos agentes em todas as localidades do País

RECONSTRUÇÃO DO PORTO DE LISBOA

PLANO DO DIA 11 JO
1946



Porto de Lisboa, segundo a proposta Nacional. Na planta que publica-
para montante, encontra-se o por-
tomo de peixe por via férrea e
entre Santos e o Terreiro do Paço,
inclusão da doca de Santos; regu-
e Poço do Bispo, na extensão de
Poço do Bispo; doca dos Olivais e
e obras diversas, como a adapta-
cesso às actividades de desporto
uma ponte-cais destinada ao ser-
betrolas, destinada ao novo Mata-
Material de Guerra. Na margem
Trafaria e outra no Alfama. Do
ões terrestres, vários edifícios, e
mentos

incorrecções, a actividade profissional dos
seus camaradas.

8.g—Esforçar-se por servir, com zelo e
dedicação, o jornal em que trabalha.

9.—Impor sempre, através de tudo e
contra quem quer ou que quer que seja,
a dignidade da sua profissão.

10.—Observar, escrupulosamente, as re-
gras da gramática.

O jornalista que seguir á risca os pre-
ceitos deste decálogo nunca dará o flanco
a certas críticas que frequentemente al-
tejam alguns dos seus pares. Como na li-
teratura, na arte, na ciência e no teatro,
na imprensa, há talentos e mediocridades.

Deverá ele pertencer sempre á selecção?
Não é possível, porque as qualidades
raras do espírito distribuem-se com par-
cimonia e de acordo com leis desconhe-
cidas. Nasce-se talentoso ou simplesmente
inteligente, sem se saber porquê.

Todos, porém, têm obrigação de proce-
der de modo que o jornalismo seja para
eles um estímulo para o seu zelo e um
prémio para o seu mérito.

Uma comissão de oliveirenses, em que
entram médicos, advogados, comerciantes
e agricultores, propõe-se levar a efeito, no
dia 5 de Maio próximo, uma manifestação
pública, em honra de Ferreira de Castro,
inaugurando-lhe uma placa com o seu re-
trato, na casa onde nasceu, em Salgueiros
de Ossela.

O autor de «A Selva» e de outros li-
vros, de que se ufam as letras portu-
guesas, é hoje um romancista cuja obra
corre mundo, em excelentes traduções.

Apesar da sua severa modestia e do seu
horror ás ostentosas homenagens, cremos
que será para ele um dia feliz, simpático
á sua sensibilidade, quando os seus ami-
gos e admiradores de Oliveira de Azemeis
o saudarem e aclamarem como o mais
humano dos nossos escritores e o menos
acessível ao mercadejar dos elogios.

Partiu para o Funchal o cruzador sueco

Seguiu hoje para o Funchal, em continuação
da sua viagem de instrução de cadetes, o cru-
zador sueco «Fylgia» que, há dias, se encon-
trava fundeado no Tejo.

SEDAS Liquidação

Total de cortes de seda em boa qua-
lidade, ao preço da fábrica. Lindos de-
venhoes.

C. DO SACRAMENTO, 7, 4.º
FECHADO DAS 12 AS 14

Os funerais

de três vítimas
do domínio japonês

Realizaram-se hoje os funerais dos srs. dr.
Mendes de Almeida e Augusto Padinha, assas-
sinados no já tristemente célebre massacre de
Manabuto e cujas ossadas, encerradas em pe-
quenas urnas, chegaram a Lisboa a bordo do
paquete «Angola».

Pelas 11 e 30, cumpridas as formalidades le-
gais, foram as urnas retiradas de bordo da-
quele navio, fundeado no Cais da Areia, em
Santa Apolónia. Ambas foram colocadas num
auto-funebre, que as transportou para a igreja
dos Anjos, onde ficaram, em depósito, até ás
15 horas.

Foi, então, celebrada missa de corpo pre-
sente, a que assistiram as viúvas, que acom-
panharam os restos mortais desde Timor, e
que são as srs.ªs D. Elzira Mendes de Almeida
e D. Guilhermina de Almeida Padinha, e dois
filhos menores, famílias e pessoas de amizade
dos extintos. Ao piedoso acto estiveram tam-
bém presentes os srs. prof. dr. Santa Rita, di-
rector, professores e alunos da Escola Superior
Colonial. Muitas pessoas não puderam tomar
parte na cerimónia religiosa, em virtude de
não caberem na pequena sala.

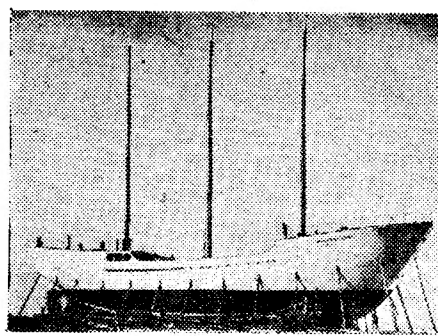
Pelas 15 horas foram as urnas retiradas da
camara ardente e conduzidas para auto-fune-
rários, ornamentados com muitas coroas e ra-
mos de flores.

A urna com os restos mortais de Augusto
Padinha seguiu para Penamacor, onde se efec-
tuará o funeral; as ossadas do dr. Mendes de
Almeida foram conduzidas para o cemitério
do Alto de S. João. Em ambos os préstitos
incorporaram-se muitas pessoas e alguns ti-
morenses repatriados.

Na Amadora, realizou-se também o funeral
do sr. António Bonfílio da Luz, um dos re-
patriados de Timor, falecido já depós de ter
chegado a Lisboa. O feretro saiu da Rua Ber-
nardino Ribeiro, na Amadora, para o cemité-
rio local.

Amanhã, ás 11 e 30, na basilica dos Márti-
res, celebrar-se-ão exéquias, seguidas de «líbe-
ra-mex», por alma dos missionários e mais por-
tugueses vítimas dos japoneses. Serão oficia-
ntes os missionários vindos de Timor.

O lugre «Maria das Flores» foi lançado á agua na Murtosa



MURTOSA, 19.—Sem qualquer cerimonia-
l, foi ontem lançado á água, no estaleiro do Bico,
o novo lugre bacalhoeiro «Maria das Flores»,
de cerca de 800 toneladas, de que é proprie-
tário o sr. João Carlos Tavares e que vai já
este ano á pesca do bacalhau, enviado, em re-
gime de fretamento, pela Empresa Comercial e
Industrial de Pesca (Pescal), de Lisboa.

A MENINA BONITA e um milhão de rapazes!

Uma curiosíssima novela de Manuel Marti-
nho que todas as raparigas devem ler! Veja
amanhã «Vida Mundial Ilustrada»—um nu-
mero estupendo!

A INGLATERRA E O EGIPTO

(Continuação da 1.ª pag.)

Que respondeu a este pedido con-
creto, o Governo de Londres?

«A Grã-Bretanha, diz a resposta do
Foreign Office, está decidida a enca-
rar uma colaboração completa e livre
com o Egipto, tal como deve existir
entre associados com reciprocidade
de direitos e deveres, a fim de assegu-
rar a defesa dos seus interesses mu-
tuos respeitando completamente a in-
dependência e a soberania da nação
egípcia».

O Governo do Cairo pediu a retira-
da das tropas britânicas que se encon-
tram no seu território. O Governo de
Londres deseja concertar com ele a
defesa, em comum, das regiões vitais
que interessam aos dois países. A úl-
tima guerra demonstrou, com a cor-
rida fulminante de Rommel até ás
portas de Alexandria, que essa defesa
só pode ser assegurada com a partici-
pação activa do poder militar da Grã-
Bretanha. É isto, certamente, que os
peritos que, do lado britânico, vão
participar nas negociações não deixa-
rão de fazer realçar. Os dados técni-
cos do problema são inconciliáveis
com as exigências políticas das duas
partes. Os ingleses não desistem de
assegurar pelos seus próprios meios a
defesa do Canal. Os egípcios enten-
dem que chegou o momento de fazer
cessar uma situação que dura há mais
de sessenta anos. O trabalhista Bevin
tem, a esse respeito, ideias tão preci-
sas como lord Milner. O colaboracio-
nista Nokrashi Pachá procedeu, res-
salvados os cuidados da forma, com a
desenvoltura agressiva dos chefes do
Wafî.

Uma oportunidade inesperada

Duas conflagrações mundiais, ven-
cidas pela Grã-Bretanha no curto
prazo de trinta anos, deram ao Egipto
uma oportunidade inesperada para
transformar a sua vida e modificar o
seu destino. Quem visitasse o Cairo
e Alexandria, em Dezembro de 1914,
quando foi proclamado o protectorado
britânico e deposto o khedivá pró-ale-
mão Abbas Hilmi, mal poderia ima-
ginar o progresso alucinante que em
três décadas realizariam as duas ci-
dades onde pulsa o coração do Egipto.
O espanto do visitante seria, certa-
mente, maior se lhe dissessem que,
nesse mesmo período, surgiram, com
os arranha-céus espectaculosos do
Cairo e os balneários sumptuosos de
Alexandria, os catorze pontos de Wil-
son e a Carta do Atlantico, o pacto da
S. D. N. e o Estatuto do O. N. U., os
quais funcionariam como um engenho
de retardamento explodindo nas mãos
desprevenidas dos seus inventores.

Em 1945, como em 1919, o Egipto
reclama a sua independência total e
o restabelecimento da sua soberania,
invocando as promessas feitas e os
serviços prestados durante a guerra.
Há um quarto de século figuravam no
seu activo o trabalho realizado por
um milhão de recrutas do Labour
Corps, quatro milhões de libras em-
prestadas e a satisfação das requisi-
ções dum exercito britânico de ocupa-
ção. Esse activo aparece representado
no fim da segunda conflagração mun-
dial por mais trabalho, por uma dívida
maior (quatrocentos milhões), pela sa-
tisfação integral de tudo o que, em
nome da aliança, foi pedido ao fellah.
Estes títulos incontestáveis vão pesar
nas negociações tanto como as mani-
festações exaltadas dos nacionalistas

que percorrem as ruas lançando im-
precacões e enfrentando o rigor da
repressão policial.

As realidades estratégicas

As realidades estratégicas que a
aliança anglo-egípcia exprime estão
presentes na memória do novo chefe
do Estado Maior Imperial, marechal
Bernardo Montgomery. O vencedor de
Alamein, que é um estudioso insaciá-
vel da historia militar, conhece a
atraccão que o solo egípcio exerce so-
bre a imaginação de todos os conqui-
stadores. Ele próprio viveu e cobriu,
com a exaltação das suas proclama-
ções inspiradas, os meses cruciais
que, entre Julho e Outubro de 1942,
decidiram a guerra nas paragens dis-
tantes do Nilo. Bastava que Rommel
estendesse um pouco o rasto de aço
das «Panzer» para se apoderar do Del-
ta e do Suez. Calcando o seu orgulho
e o seu ressentimento, o Fuehrer ape-
lara para a competência de List, o
perito da guerra de montanha, exi-
gindo-lhe que cobrisse, num esforço
supremo, as escassas centenas de qui-
lómetros que separavam a Wehrmacht
de Baku, enquanto os japoneses ba-
tiam ás portas da Índia e de Ceilão.
Sem a resistência do 8.º Exercito no
gargalo de Alamein as potências tota-
litárias teriam estabelecido o seu do-
mínio sobre o mundo. Hitler renovava
o sonho do Kaiser e de Napoleão.
Rommel continuava a obra interrom-
pida por von der Goltz.

Esta a lição recente dos aconteci-
mentos que os chefes militares da
Grã-Bretanha não podem ignorar no
momento em que a questão secular do
Mediterraneo Oriental e das passa-
gens que lhe dão acesso entra numa
fase critica. Que attitude assumirão os
seus diplomatas, encarregados de
acautelar, nas próximas negociações
para a revisão do tratado de 1936, os
interesses essenciais do Império e a
segurança das suas rotas marítimas?

Houve um tempo em que bastava á
Grã-Bretanha ter a chave do Sudão e
a possibilidade de bombardear Ale-
xandria para abater, antes que elas
se traduzissem em actos, as veleida-
des do nacionalismo egípcio. A diplo-
macia britânica sabe que neste mo-
mento uma politica de intransigência
levaria Nahas Pachá ao poder, mo-
bilizaria a Liga árabe e suscitaria a
cólera do Conselho de Segurança fa-
zendo o jogo dos soviets. A attitude
da delegação egípcia, quando em Lon-
dres foram tratados os casos da Indo-
nésia e do Levante, não permite ali-
mentar um optimismo exagerado
quanto á dificuldade das negociações
que vão iniciar-se, cujo resultado
exercerá uma influência considerável
na evolução dos acontecimentos que
estão a modelar a nova ficção da do
Médio Oriente.—C. F.

TEIXEIRA GOMES

nunca perdoou
a Atonso Costa?

«A vida romanesca de Teixeira Gomes»—o
sensacional livro de Urbano Rodrigues, agora
posto á venda em todo o país, lança uma luz
esclarecedora sobre os bastidores da nossa po-
litica até 28 de Maio de 1926.

A posição do Presidente Teixeira Gomes pe-
rante a attitude de Atonso Costa é um dos ful-
cros deste admirável livro.

Editora Marítimo-Colonial, Rua do Comer-
cio, 8, Lisboa.

Aos proprietários de automóveis

Estando já autorizada a livre circulação de automóveis, a
«ROYAL EXCHANGE ASSURANCE» toma a liberdade de
lembrar aos seus segurados, cujas apólices estão ainda em suspenso,
a conveniência de mandarem proceder á sua imediata revalidação.

OS AGENTES GERAIS

M. Casal, Ld.ª

Rua Aurea, 87-1.º

TELEFONES 23116, 23117 e 27627

LISBOA

AGÊNCIA NO PORTO

Domingos Ferreira Simas

Rua Sá da Bandeira, 235-1.º

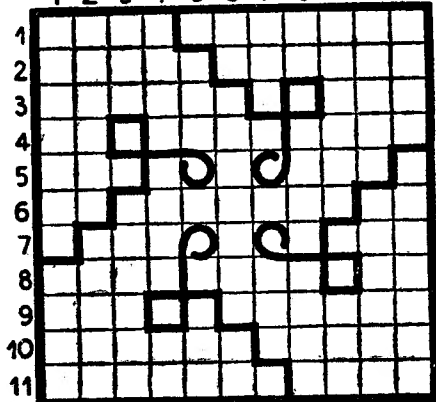
TELEFONE 5610

PORTO

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 1236

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



HORIZONTAIS: 1—Lugubre. Espeta. 2—Cidade onde foi assinado o armistício que pôs termo às últimas hostilidades na Europa. Al-tercar. 3—Mostrai-vos aborrecidos. Mulher de pequena estatura. 4—Símbolo do níquel (quím.) Congénito. Cidade e porto de mar da província de Pontevedra (Espanha). 5—Inter-jeção que imita pancada. Fileira. 6—Prepo-sição. Corda grossa. Nome de letra grega. 7—Contração de pronomes pessoais. Cinquenta e quatro (rom.). 8—Soberanos. Gastam. Me-dida itinerária chinesa. 9—Nome de mulher. Natural do Sião. 10—Taberna. Jogo de cartas. 11—Separar. Transpirar.

VERTICAIS: 1—Discurso longo e enfado-nho. Ministro do culto judaico. 2—Receavam. Risonhos. 3—Escarneceu. Cognome do frade e poeta jocoso do séc. XVI, que foi um dos tipos mais populares de Lisboa. 4—Mar en-tre a Arábia e o Indostão. Grande confusão. Artigo (ant.). 5—Senhora (brasil.). Vila do con-celho de Idanha-a-Nova. 6—Senhor. Composi-tor austriaco, do século passado, autor de val-sas célebres. Aspecto. 7—Breu. Gemidos. 8—Prefixo de negação. Trespassa. Nocivos. 9—Cobertura própria de mulheres. Pronome pos-sessivo. 10—Território de Angola entre os rios Cunene e Cubango. Cavalicoque. 11—Jarro (planta). Distinguir.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 1235
HORIZONTAIS: 1—Coinventes. 2—Ora. Amuou. 3—Pó Breda. Ar. 4—Até. Olé. 5—Teu. Azévia. 6—Hansa Areal. 7—Axioma. Aos. 8—Gás. Boa. 9—Ui. Denso. Aa. 10—Gorda. CLV. 11—Congelaria.

VERTICAIS: 1—Copenhague. 2—Oro. Ta-xal. 3—Na. Senis. Go. 4—Uso. Don. 5—Ara. Amberg. 6—Enila. Aonde. 7—Nudeza. Asa. 8—Toa. Era. 9—Eu. Oveos. Cr. 10—Alis. Ali. 11—Prealegava.

Cortejo de oferendas para o hospital de Ilhavo

ILHAVO. 19.—Obteve grande êxito do público o cortejo organizado, na Encarnação, em benefício do hospital. Dezenas e dezenas de raparigas, mais de cem crianças das escolas, pescadores e dois grupos musicais formavam um longo cortejo.

Calcula-se que as ofertas tenham rendido cerca de 8 mil escudos, o que representa muito para uma freguesia pequenina como a Encarnação. O prior de Ilhavo, provedor do hospital, fez uma exortação á chegada do cortejo.

DISCOFONES
CONSULTE sempre a
SCARF
AVENIDA ALM. REIS 256 LISBOA AVENIDA LIBERDADE 18-4

CASCAIS



José Inácio da Assunção FALECEU

Joaquina Emilia Jorge, seus filhos, netos e irmãos e mais família, participam o falecimento do seu chorado marido, pai, irmão e parente, e que o seu funeral se realiza amanhã, às 11 horas, saindo do hospital de Cascais, para o cemitério da Guia.

AGENCIA MAGNO

Vida desportiva

LUTA LIVRE

José Luiz, para não ser linchado, foi guardado pela polícia!

José Luiz, que de pugilista regular se transformou em «estrela» de luta livre na disputa do campeonato de Barcelona, em que continua invencível, escreve-nos a relatar o que foi a sua última luta, no «Grand Price», com Urteaga, o qual teve assistência superior a 20 mil pessoas.

José Luiz, ainda não completamente refeito de uma lesão num braço, da sua última luta com Galude, procurou que o combate fosse adiado, o que não conseguiu, subindo ao ring, por consequência, em inferioridade.

A luta entre José Luiz e Urteaga iniciou-se logo com violência e no 1.º assalto, o lutador português esteve em dificuldade, devido à lesão no braço, facto que o lutador espanhol explorou constantemente. O 2.º assalto, foi uma luta de peias, em que o sangue dos dois lutadores, salpicou os espectadores das primeiras filas.

Todos os golpes permitidos (nesta luta brutal, só não é permitido puxar pelos cabelos), foram empregados, e quando o assalto terminou, os dois pugilistas tinham as faces ensanguentadas...

No terceiro assalto, o português socou o espanhol, fez-lhe uma prisão de pernas, deitou-o ao chão, levantou-o e atirou-o para fora do ring por 15 segundos. Urteaga, quando regressou, arrastava uma perna com dificuldade...

José Luiz enlaçou-o, lançou-o a terra e apesar da gritaria do público e do lutador espanhol, bater no chão, com a mão, a assinalar desistência, torceu-lhe uma perna de tal maneira, que a partiu.

O público, enfurecido, saltou ao ring e José Luiz teve de ser escoltado pela polícia até ao hotel, senão era linchado.

ESGRIMA

O «brassard» de espada do G. D. da Casa H. Vaultier

Na sala de armas do Grupo Desportivo da Casa H. Vaultier disputa-se amanhã, às 18 e 30 horas, o «brassard» de espada, no qual participarão todos os seus atiradores que praticam esta arma.

MORREU EM LUANDA

o antigo desportista Carlos Silva

Um telegrama de Moçamedes, expedido pela Lusitania, informa que morreu ali, com 46 anos, o antigo desportista Carlos Silva, 1.º sargento do exército, que seguira, há ano e meio, para Angola, depois de ter feito parte da guarnição de Cabo Verde. Carlos Silva fez parte da «equipe» de honra do «onze» alcantarense, onde, durante algumas épocas, ocupou o posto de guarda-redes.

Pequenas notícias

PELA POLICIA

CONCURSOS—Perante um júri constituído pelos srs. dr. Alves Monteiro, Ernesto da Fonseca e Silva Pereira, respectivamente director e adjuntos da Polícia Judiciária, prestaram hoje provas de exame, para chefes de brigada da mesma Polícia, cinco concorrentes, entre os quais um oficial miliciano e um escrivão de Direito.

UM DESFALQUE—A Polícia procede a diligências para descobrir o paradeiro de Vasco Leopoldo de Sá Miranda, que se ausentou depois de ter praticado um desfalque de 17 contos na firma «Bristol Corporation», na Avenida da Liberdade, 23, onde estava empregado.

TUNA COMERCIAL

A Tuna Comercial organizou, para o próximo carnaval, duas «matinéas» no Jardim Círculo, a favor dos Inválidos do Comércio, cujo atractivo terá um concurso de danças de 1900.

CONFERENCIAS

Hoje, às 21 e 30, o sr. dr. Orlando de Carvalho, de Coimbra, fará uma conferência, no Salão de Emissões Portugal, Largo Trindade Coelho, 6, 3.º, sobre «Novo humanismo», promovida pelo Centro Nacional de Cultura.

—Na próxima terça-feira, dia 26, pelas 18 e 30, o sr. dr. J. W. Barker realizará uma conferência sobre «Jane Austen», na sede do Instituto Britânico em Portugal, á Rua de Luís Fernandes. A entrada é livre.

VENDA DE TERRENOS

No dia 4 de Março, vão á praça, na Câmara Municipal, sete lotes de terreno entre as avenidas Visconde de Valmor, Defensores de Chaves, Elias Garcia e Rua Eiffel. Os terrenos vão á praça a 430 escudos o metro.

CINEMA EDUCATIVO

No próximo dia 23, ás 22 horas, no Estrela Hall (Rua da Estrela, 10), realiza-se uma sessão cinematográfica, organizada pelo Instituto Britânico, durante a qual serão passados filmes culturais.

REGIONALISMO

Hoje, pelas 21 e 30, na Casa do Alentejo, efectua-se uma reunião da colónia algarvia em Lisboa, a fim de se promover a reorganização da Casa do Algarve.

QUEM ACHOU?

No passado dia 15, cerca das 20 horas, foi colhida por um automóvel, na Praça Luiz de Camões, uma senhora que perdeu a sua carteira, marcada com um monograma de prata, com as letras A. F., contendo retratos e dinheiro. Agradece o obsequio da sua entrega na rua do Almada, 2, 3.º, ao Calhariz (27317), onde receberá alvissaras.

A FALTA DE ILUMINAÇÃO no concelho de Almada

ALMADA. 19.—A retirada de um suporte e respectiva lampada do edificio de uma colectividade, que sofreu importantes obras, sito na Avenida Heliodoro Salgado, desta vila, deu lugar a que ficasse na penumbra uma parte da referida artéria, não se sabe porque, pois que o suporte e lampada poderiam talvez ficar do lado oposto e o local continuava a ser iluminado como anteriormente.

O pior de tudo—é haver pessoas, menos escrupulosas, que, aproveitando-se da escuridão, ali vão praticar certos actos impróprios de um meio civilizado, ainda com a agravante de brigarem com a higiene e sanidade publicas.

Chamamos para o facto a atenção das entidades competentes, certos de que providências serão tomadas.

UM MENOR FERIDO pela explosão de um foguete

TERMAS DE S. VICENTE. 18.—O menor Paulino Pereira, filho de Manuel Pereira e Carolina Ferreira, desta localidade, procedia ao lançamento de foguetes, um dos quais lhe explodiu na mão esquerda. Foi conduzido ao hospital de Penafiel, onde foi pensado, seguindo depois para casa.

Homenagem póstuma a António Augusto Gonçalves

COIMBRA. 18.—O Instituto de Coimbra promove, no dia 17 de Março, uma sessão de homenagem á memória de mestre António Augusto Gonçalves, na Associação dos Artistas. Além de outras entidades colaborarão os srs. drs. Costa Rodrigues, Aarão de Lacerda, Manuel Monteiro, Fernandes Martins e coronel Belisário Pimenta.

O Carnaval no Casino Estoril

APROXIMA-SE A QUADRA do Carnaval que no Casino-Estóril é sempre grandemente festejada, com tradicionalismo brilhante.

Aos quatro bailes de Carnaval, assiste no Casino-Estóril, tudo quanto há de mais distinto na nossa sociedade, o que dá a estes festivais, uma nota marcante de beleza e uma parada de soberano mundanismo.

A alegria que nestas festas é sempre grande e duma enorme concorrência, será mantida durante toda a noite, com musicas sugestivas, por três esplendidas orquestras.

As marcações, para estes festivais, encontram-se já abertas.

Nas noites de sábado gordo e terça-feira de Carnaval, é obrigatório o traje de noite.

TSE
Fundada há 20 anos

Reparações
em aparelhos de todas as marcas
ORÇAMENTOS GRATIS

SUPERSOM
Costa & Brito, Lda.
R. da Conceição, 35 1.º—LISBOA
Telef. 24253
Distribuidores da

Emerson Radio

POLICLINICA DO ROSSIO

Largo D. João da Camara, 19, 2.º Tel. 1066

Dr. F. Martins Pereira — Medicina geral, coracão e pulmões, 15 h.

Dr. Canele de Abreu — Medicina geral, Doenças nervosas, as 17 h.

Dr. A. Pina Junior — Doenças das crianças, 14 h.

Dr. Cordeiro Branco — Doenças dos olhos, 15 h.

Dr. Cordeiro Lobato — Garg. nariz, ouvidos, 14 h.

Dr. Jorge Falcão — Doenças da pele, sífilis, 15 h.

Dr. Fontoura Madeira — Rins e vias urinárias, 15 h.

Dr. Luiz Leite — Operações Senhoras, gravidez 17 h.

Dr. Gonçalves Viferbo — Boca e dentes, 16,30 h.

Dr. Genil Branco — Raios X.

Dr. Formigal Luxes — Diatermia — Ondas curtas — Ultra violetas. Electroterapia — Maçagens — Ginástica médica.

DINHEIRO EMPRESTA-SE

dando-se o maximo sobre todos os objectos

R. Duque de Palmela, 11

4 R. Alexandre Herculano

MEIAS • NOVIDADES

ROSICLER

R. DA ASSUNÇÃO 71 LISBOA
LOJA E L'ANDAR

Assegure a sua boa disposição tomando
BOVRIL



BOVRIL
DÁ
ALEGRIA!

BANCO DE PORTUGAL

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

CAPITAL — 100.000.000\$00

Sede : Rua do Comércio, 148 — LISBOA

—0-0-0—

Convocação da Assembleia Geral Extraordinária

Pela circular expedida aos Senhores Accionistas é convocada a Assembleia Geral Extraordinária, nos termos do n.º 2 do § 1.º do artigo 103 e do artigo 104 dos Estatutos, a reunir no dia 7 de Março p. f. no edificio do Banco, pelas 15 horas, para deliberar acerca do projecto de alteração dos Estatutos, restrita ás reservas da circulação (Capítulo IV), ás operações do Banco (Capítulo V) e ás relações entre o Estado e o Banco (Artigo 41 e 42, § unico do Capítulo VIII).

Lisboa, Secretaria da Assembleia Geral do Banco de Portugal, 20 de Fevereiro de 1946.

O SECRETARIO
E. BASTOS

O PRETO NO BRANCO

(Continuação da 4.ª pág.)

vesse a manejar as alavancas! A Ciência teve sempre destes colaboradores abnegados e obscuros.

Os cometas gozam de má reputação. Creio que, para tanto, lhes bastaria a excentricidade de serem astros caudados e vadios. Os astros ou são fixos ou têm orbitas definidas, hábitos regulares, situações previsíveis em qualquer época do ano.

Os cometas são os vagabundos do espaço. Por isso os homens sempre desconfiaram deles. O seu aparecimento nos céus era de mau presagio—como o sal entornado, os marrecas e as facas em cruz. Um cometa no céu era como o piar de um mocho ou o ulvo de um cão—coisas de mau agouro. E todavia nunca se tinha visto nenhum agitando a cauda como uma ameaça, ali, tão próximo do sol, a dois passos de nós. A esta hora os sábios devem estar a calcular se ele nos apanha, ou com o núcleo ou com o rabo e daqui a quanto tempo. Não me admira que os movimentos inteiramente novos da sua cauda já tenham levado os grandes matemáticos a estabelecer o sistema de equação diferenciais que exprimam os movimentos das caudas—que no gato, no cavalo e no cão seriam apenas os casos particulares duma lei mais geral, agora descoberta, que regesse os movimentos dos rabos desde os dos passaros e dos «papagaios» de papel, até aos dos astros.

Estou, na verdade, inquieto e curioso. Nós temos escapado a muitas calamidades terrestres. Será necessário encarar este novo fenómeno com prudência e habilidade. Uma chicotada de uma cauda daquele tamanho não é brincadeira nenhuma e espero que teremos a prudência de, pelo menos, não a provocarmos.

Recordo-me quando, há muitos anos, passou pela orbita da terra um cometa dos antigos, dos de cauda quieta. Estava eu em Coimbra e tinha vinte e três anos. O cometa lá estava por cima do convento de Santa Clara, nos céus luminosos e pálidos daquele Abril florido. Com o degelo o Mondego ia caudaloso. Ao anoitecer sobre a torre da Universidade brilhava uma estrela enorme e lucilante. Recordo-me.

A Academia saiu para a rua a contar lóas ao cometa. Uma voz de tenor isolada cantava primeiro:

—Rapazes, quando eu morrer

E logo, em coro, a multidão de escolares repetia:

—Marião...

Tornava a voz:

—Levem-me devagarinho

E o coro, em cadencia lenta, arrasada, cantava:

Marião, olha o cometa...

Marião, olha o cometa...

Marião...

Esta ultima palavra ficava a ressoar, lenta e triste, na doçura da tarde pallida.

Estava-se próximo dos actos. Os choupos da margem eram verdes, cobertos de folhas. A cauda do cometa parecia poisar agora, mesmo sobre aquela parte do muro de Santa Clara, onde se lia em letras enormes, «Guia do Viajante em Coimbra».

Quando os estudantes debandavam, na noite que cheirava bem, eram os grilos, os rouxinóis, as rãs, cantando em coro como sempre junto aos choupos da margem, uma velha cantiga que ainda cantam.

Simplesmente não são os meus ouvidos já que a ouvem!

E os cometas de agora agitam a cauda, ameaçadores e terríficos.—R. C.

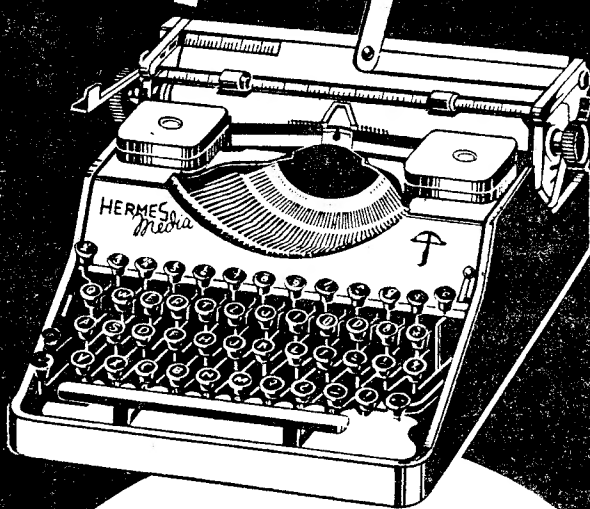
AUTOMOVEIS

EFFECTUAREMOS RAPIDAMENTE A VENDA DO SEU CARRO, E SEM QUALQUER REMUNERAÇÃO, SE DESEJAR DESFAZER-SE DELE OU TROCA-LO.

AUTO-TRIUNFO

Rua Santa Marta, 56-F.

UMA MÁQUINA PARA TODOS OS FINS



Eis uma máquina de escrever universal! Sendo semi-portátil é tão sólida como as máquinas comerciais; serve tanto em casa como no escritório e é altamente prática, veloz e eficiente.

HERMES

A MARAVILHA DA INDÚSTRIA SUÍSSA

Representante: M. SIMÕES JR. - RUA DA CONCEIÇÃO, 46, 1.º - LISBOA
NORTE - ARAÚJO & SOBRINHO, Sucrs. - LARGO DE S. DOMINGOS, 50 - PORTO

LUXOR

MOTALA • SUÉCIA

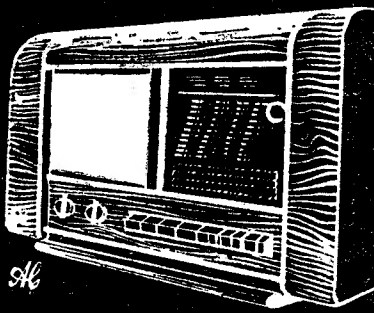
APP

RÁDIO S

AMPLIFICADORES

RÁDIO

GRAMOFONES



MUDADORES AUTOMÁTICOS DE DISCOS

Humidade! Frio!



Empregue CREME NIVEA

O vento e a chuva tiram o pele as substancias vitais; assim o mau tempo provoca gretas, vermelhidão e mesmo rugas precoces. Para combater estas influencias nocivas, aplique Creme Nivea o único produto de composição especial para protecção e cuidado da pele, tornando-a fina, macia e resistente.



OS NOSSOS CONTOS

(Continuação da 4.ª pág.)

—Que fazer então, Santo Deus?—soluçava —que fazer? Sentia que a sua inclinação para a religião era sincera; não se enganava não; tinha a ceteza de que a sua alma não mais vibraria para as coisas do mundo... Renunciaria a tudo: ao luxo, aos prazeres, ao amor—à vida, enfim.

—Mas a mãe, a mãe?

Diton chorava e pedia a Deus, ao Deus que desejava servir, que a inspirasse no rumo a seguir.

—Deus da piedade! compadece-te de mim—implorava Diton, ao Senhor do mundo.

* *

Os dias corriam, apesar de tudo, calmos e nas tardes tépidas daquele fim de Primavera, Diton acompanhava a mãe até ao terraço da sua lindíssima vivenda, e, ambas aí, quase em silêncio, desfiavam dentro de si, o rosário das suas desditas.

Havia, porém, uns dias que Diton se mostrava um pouco estranha para a pobre mãe que sentia o coração a apertar-se-lhe, a apertar-se-lhe...

Diton, naquela tarde, rodeara a mãe com os seus habituais carinhos e, quando se sentou, puxou um pouco mais a sua cadeira para junto da mãe que a olhava angustiada.

—Mãe—princípiou baixinho—Mãe, eu não sei que resolução tomar porque não quero deixar-te só; mas não posso mãe, não posso continuar a viver no mundo...

—Filha, pensa que tens apenas vinte anos e que não sabes o que é a vida—cortou a mãe numa vaga esperança...

E a um gesto da filha:

—Tem paciência, filha querida, deixa-me desabafar esta mágoa que tenho dentro do coração. Abafa-me...

Passaram-se uns instantes de doloroso silêncio que Diton não teve coragem de quebrar. A mãe continuou:

—Querida, eu sofro com tua resolução de tomares habito; não tenho mais ninguém no mundo... tu sabe-lo; mas o que mais me afflige é saber que apenas tens vinte anos, que desconheces a vida e queres seguir um caminho cuja responsabilidade não podes alcançar... Supões que a tua primeira decepção de amor —bem dolorosa, eu sei...—te fez perder o direito de tornares a amar. Como te enganas, filha, e que farás quando um dia, já tarde, reconheceres o erro... O Senhor tenha pena de ti e te inspire!

E a pobre senhora, mortificada, soluçava.

Diton, ternamente, envolvendo a mãe nos seus braços, respondeu-lhe:

—Descansa, mãe, não te apoquentes assim... Deus ouviu-me e ouviu-te. Renunciarei a todos os prazeres da vida, mas não te deixarei. Mesmo junto de ti, mãe, eu poderei dedicar a minha vida a Deus, confortando os tristes, ajudando os pobres.

E tristemente, Diton continuou:

—Eu sinto bem que não mais poderei ser a Diton antiga, mas serei sempre a tua filha... Ouve, mãe, ter-me-ás sempre junto de ti.

A mãe não sabia o que pensar de tão inesperada confissão. Sentiu naquela humidade que a filha tinha uma verdadeira inclinação religiosa. Iria ela com o seu natural egoísmo de mãe, tornar infeliz—mais infeliz ainda—a sua filha, a sua Diton querida?

—Filha, minha filha, a tua resignação surpreende-me. Não me julgues egoísta ao ponto de te prejudicar se de facto é sentida a tua vocação. Mas toma cuidado, querida filha, não te deixes ludir; não deixes que o teu pobre coração ferido procure abafar a voz da razão...

—Não, mãe, não é isso que penso, acredito-me... Eu vivia iludida quando supunha que o caminho da felicidade era aquele em que a minha vaidade e os meus caprichos eram prontamente satisfeitos. Ainda bem que reconheci a tempo o erro que me cegava. Deus iluminou-me o espirito e deu-me a conhecer o verdadeiro caminho da luz, da abnegação, da humidade.

E, depois, num movimento de terna alegria, abraçou a mãe e continuou:

—Acredita, mãe, que me sinto feliz porque renunciarei ao meu projecto de professor agora, por amor de ti. É o meu primeiro passo no caminho da verdadeira renúncia e no da humidade.

Junto de ti, mãe, viverei feliz servindo Deus com toda a minha alma, com todo o fervor do meu coração. Afinal é o mesmo, não é mãe?

* * *

O luar beijava com uma leve poalha de prata, as frondosas acácias que ornavam o parque.

A brisa fazia oscilar, levemente, as flores... Na larga varanda debruçada sobre o jardim, duas mulheres abraçadas, choravam docemente...—M. DE S. L.

Pratas artisticas

TORROAES

123 — Rua da Prata — 131

Tel. 24210

«Companhia Industrial do Rêgo, Limitada»

Por escritura de 16 do corrente mês, lavrada nas notas do notário de Lisboa Licenciado António Cardoso de Sampaio e Pinho, o capital desta sociedade, que era de 50.000\$00, foi aumentado com 100.000\$00, ficando, assim, elevado a 150.000\$00, sendo o aumento subscrito com 4 novas quotas:—uma de 15.000\$00 pelo sócio Francisco Morais, uma de 45.000\$00 pelo sócio «Grandella, Limitada»; uma de 20.000\$00 pelo sócio Dr. Adelino José da Costa, e uma de 20.000\$00 pelo sócio Horácio Augusto Gonçalves; todas as referidas quotas estão integralmente realizadas em dinheiro, tendo as respectivas importâncias dado já entrada na Caixa Social;

Pela mesma escritura, pelos únicos sócios da mesma sociedade srs. Francisco Morais, Francisco Morais Marçã, Dr. Adelino José da Costa, e Horácio Augusto Gonçalves e a firma «Grandella, Limitada», foi substituído integralmente o respectivo pacto social, pela forma seguinte:

PRIMEIRO—A Sociedade comercial por quotas, de responsabilidade limitada, «COMPANHIA INDUSTRIAL DO REGO, LIMITADA», continua a sua existência jurídica, mas rege-se a de ora ávante pelas cláusulas dos artigos subsequentes, as quais substituem inteiramente o actual pacto. **SEGUNDO**—A Sociedade continua a adoptar a denominação «COMPANHIA INDUSTRIAL DO REGO, LIMITADA», e a ter a sua sede em Lisboa e o seu domicílio na Rua Filipe da Mata, número cento e doze. **TERCEIRO**—A duração da sociedade continua por tempo indeterminado. Os efeitos da presente modificação contam-se desde o dia um de Janeiro de mil novecentos e quarenta e seis. **QUARTO**—O seu objectivo principal continua a ser a exploração da indústria e comércio de Garage, oficinas, Compra e Venda de Automoveis e Maquinarias em geral, podendo a todo o tempo, por deliberação dos sócios, dedicar-se a todo e qualquer outro ramo, excepto o bancário. **QUINTO**—O capital social passa a ser de CIENTO E CINQUENTA MIL ESCUDOS, integralmente realizado, existe em dinheiro, valores e efeitos sociais, conforme a escrituração, e corresponde à soma das quotas dos sócios que são as seguintes: Francisco Morais, trinta e sete mil e quinhentos escudos; Francisco Morais Marçã, doze mil e quinhentos escudos; «Grandella, Limitada», cinquenta mil escudos; Doutor Adelino José da Costa, vinte e cinco mil escudos; e Horácio Augusto Gonçalves, vinte e cinco mil escudos. **SEXTO**—A gerência efectiva é confiada desde já ao sócio Francisco Morais que para todos os efeitos terá como substituto em todas as emergências, o sócio Horácio Augusto Gonçalves, devendo em Assembleia geral estipular-se o ordenado e outros vencimentos ao gerente efectivo, através de uma Acta expressamente lavrada para esse fim e cujas determinações só poderão ser alteradas por nova acta. —As assinaturas do Gerente efectivo ou do seu substituto, bastam para obrigar a sociedade. **SETIMO**—Compete exclusivamente à Assembleia Geral resolver e deliberar sobre as condições e os métodos de financiamentos suplementares, para fazer face ao possível desenvolvimento e progresso dos negócios; resolver e deliberar sobre a organização de negócios diferentes ou estranhos ao principal fim comercial da sociedade; resolver ou deliberar sobre quaisquer actos que envolvam compromissos estranhos à marcha normal do seu movimento. **OITAVO**—A cessão de quotas, no todo ou em parte é absolutamente proibida a elementos estranhos à Sociedade, salvo se a Assembleia Geral assim o consentir e deliberar por unanimidade mas é livremente consentida entre sócios. Sempre que não haja unanimidade, só a própria Sociedade poderá adquirir as quotas. **NONO**—No caso de morte ou interdição de algum sócio, proceder-se-á a rigoroso Balanço Extraordinário a fim de a Sociedade pagar aos Herdeiros o que se apurar pertencer-lhes, salvo se a Assembleia Geral de acordo com os ditos Herdeiros, forem unânimes em considerar mais útil e oportuna outra resolução. **DECIMO**—Os Balanços normais serão fechados em trinta e um de Dezembro de cada ano, competindo exclusivamente à Assembleia Geral sob proposta do sócio gerente, resolver e deliberar sobre as percentagens a extrair dos lucros com destino ao Fundo de Reserva, ou a quaisquer outros Fundos especiais criados para fazer face a todas as emergências. Após esta deliberação, os lucros líquidos serão distribuídos pelos sócios na proporção das suas quotas. **DECIMO PRIMEIRO**—As Assembleias Gerais, para que a Lei não determine forma e prazos especiais, serão convocadas por cartas registadas com aviso de recepção e antecedência de cinco dias, pelo menos. **DECIMO SEGUNDO**—Dissolvendo-se a Sociedade, compete à Assembleia geral nomear o liquidatário ou liquidatários, sancionar e aprovar os valores atribuídos ao património pelos liquidatários; e compete aos sócios o direito de opção em face de estranhos, para arrematar por intermédio de licitação os ditos valores no conjunto ou em parte. **DECIMO TERCEIRO**—Nos casos omissos regularão as disposições da Lei de onze de Abril de mil novecentos e um e demais legislação aplicável. Está conforme. Lisboa, 18 de Fevereiro de 1946.—A ajudante do not.º Dr. A. de Sampaio e Pinho, Aida de Anunciação Santos Ferreira Alves.

55º Batão da Moda
em seis lindos tons

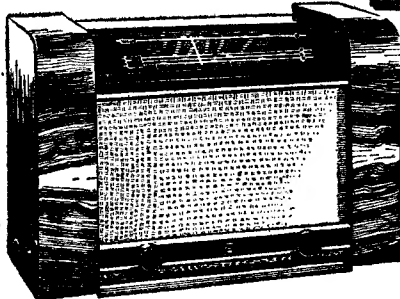
UMA RECEPÇÃO SEM RUÍDO

QUE LHE PROPORCIONA O

PHILIPS

TIPO 758-U

DA NOVA SÉRIE
HOLANDESA



TIPO 758-U O aparelho que se distingue pela sua extraordinária intensidade em ondas curtas. Perfeita recepção em todas as GAMAS DE ONDA: curtas, médias e longas.

A VENDA NOS REVENDEDORES AUTORIZADOS
E EM EXPOSIÇÃO NA:

PHILIPS PORTUGUESA, S.A.R.L.

LISBOA—Avenida da Liberdade, 3
PORTO—Avenida dos Aliados, 151
COIMBRA—Rua Simões de Castro, 152



TSE

RECEPTORES E
EMISSORES

REPARAMOS QUALQUER

MARCA E TIPO DE RECEPTORES

E DE EMISSORES DE T. S. F.

CONSTRUÇÃO, REPARAÇÃO E

MONTAGEM DE INSTALAÇÕES

RADIO ELECTRICAS

AUTO RÁDIO

● ORÇAMENTOS GRÁTIS

● PREÇOS MÓDICOS

● RAPIDEZ E PERFEIÇÃO

● MATERIAIS DE 1ª

● PESSOAL TÉCNICO

ESPECIALIZADO

ACESSÓRIOS

VENDEMOS RECEPTORES DAS MELHORES MARCAS

SCARF SOC. COM. A. RODRIGUES & FONSECA DA
REPRESENTAÇÕES ESTRANGEIRAS

AVENIDA ALMIRANTE REIS, 256 — LISBOA
STAND: AVENIDA DA LIBERDADE, 18, 4.º — LISBOA

Por escritura de 19 de Julho de 1944, lavrada nas notas do cartório do Dr. Domingos António Cornélio da Silva, notário na comarca de Lisboa, foi substituído o pacto social da firma Francisco M. de Miranda, Limitada, pelo seguinte:

Artigo 1.º—A sociedade Francisco M. de Miranda, Limitada, existe desde 1 de Julho de 1919, continua a existir por tempo indeterminado e tem a sua sede na Rua da Palma, 157 e 157-A.

Artigo 2.º—O objecto da sociedade é o comércio de chá, café e artigos correlativos ou ainda qualquer outro ramo de comércio ou indústria, mediante prévia deliberação social.

Artigo 3.º—O capital social é de 30.000\$00, está integralmente realizado e representado nos bens da sociedade e pertence aos sócios pela forma seguinte: a) Alfredo Ferreira Nunes, 15.000\$00; b) Alexandre Matias de Miranda, 15.000\$00.

Artigo 4.º—Os sócios não são obrigados a prestações suplementares de capital, mas podem fazer à caixa quaisquer suprimentos, retribuídos ou não com juros e nas demais condições a estipular por escrito.

Artigo 5.º—Nenhum dos sócios poderá ceder ou dividir a sua quota sem prévio consentimento do outro sócio, a quem fica desde já conferido o direito de preferência, nos termos gerais de direito.

Artigo 6.º—A administração e gerência da sociedade e a legitimidade para a representar em juízo e fora dele em quaisquer actos e contratos pertencem aos dois sócios, com dispensa de caução e a remuneração que for estipulada em assembleia geral.

§ único. Os gerentes não podem obrigar a sociedade em actos ou documentos estranhos aos negócios, nem usar a firma em letras de favor, abonações e em quaisquer outros documentos estranhos à vida da sociedade.

Artigo 7.º—Os balanços gerais serão encerrados em 31 de Dezembro de cada ano e deverão estar escriturados e aprovados dentro do prazo de sessenta dias.

§ único. Os lucros e os prejuízos serão repartidos em partes iguais, depois de retirada a percentagem para o fundo de reserva.

Artigo 8.º—As assembleias gerais e reuniões dos sócios serão convocadas sempre que for preciso, com a antecedência mínima de oito dias, devendo ser reduzidas a escrito todas as deliberações.

§ único. Ficam salvos os casos para os quais a lei exige formalidades especiais.

Artigo 9.º—A sociedade dissolve-se por acordo e nos demais casos previstos na lei.

Artigo 10.º—Ocorrendo o falecimento ou interdição de qualquer dos sócios, os seus herdeiros ou representantes poderão continuar na sociedade e ocupar a posição do falecido ou interdito, nomeando de entre si um delegado que exerça com o outro sócio a administração e gerência dos negócios sociais, ou até conferir todos os poderes de gerência a esse sócio; mas, não querendo ou não podendo eles ocupar tal posição, o sobrevivente ou capaz tem o direito de adquirir para si o estabelecimento social, com todo o seu activo e passivo, pagando-lhes a quota pelo valor que se apurar no balanço a efectuar e no prazo máximo de dezoito meses, a contar da data da ocorrência; e só no caso de ele não querer poderá então a quota ser cedida livremente a estranhos.

Artigo 11.º—No caso de dissolução da sociedade, o estabelecimento será adjudicado, com todo o seu activo e passivo, àquele dos interessados que oferecer maior preço e mais garantias, devendo as propostas e contrapropostas ser feitas, por escrito, à gerência da sociedade.

Artigo 12.º—No omissos regularão as disposições aplicáveis da lei das sociedades por quotas e deliberações sociais.

Artigo 13.º—Fica estipulado o foro de Lisboa como único competente.

Artigo 14.º—Os efeitos desta substituição de pacto social contam-se desde hoje.

Lisboa, 1 de Agosto de 1944.—O Ajudante do notário Cornélio da Silva, António Rodrigues Cordoeiro.

POLICLINICA DO INTENDENTE

Avenida Almirante Reis, 21, 2.º — LISBOA Telef. 4 5397

DR. ASIL ALVES — Cirurgia, ginecologia e pediatria	de 14 h.
DR. ADELINO COSTA — Cirurgia geral, Operações	de 17 h.
DR. ANASTASIO GONÇALVES — Doenças das crianças	de 17 h.
DR. ARMANDO LUIZ — Rins e vias urinárias	de 14 h.
DR. ARMANDO VALL — Análises clínicas, venéreas	de 11 h.
DR. ARTUR PACHECO — Doenças de pele e olhos	de 17 h.
DR. EDUARDO GUEDES — Rins e vias urinárias	de 14 h.
DR. DIAGO FURTADO — Doenças ginecologia e pediatria	de 18 h.
DR. FERNANDO DE CASTRO AMARAL — Medicina geral	de 18 h.
DR. FERNANDO LUIZ — Medicina interna, pediatria, ginecologia	de 12 h.
DR. JOAO MARQUES PINHO — Doenças das Crianças	de 18 h.
DR. MARCELO MARTINS — Doenças da boca e dos dentes	de 10 h.
DR. MARIO ROSA — Clínica geral, estomatologia e pediatria	de 15 h.
DR. D. PEDRO DA CUNHA — Partos, Doenças das Mulheres	de 18 h.
DR. VASCO DE LACERDA — Clínica médica, cirurgia, pediatria	de 17 h.

LUZARTE

Telef. 4 1701

Avenida Almirante Reis, 15-E e 15-F

A casa que mais barato vende, apresenta novos e lindos modelos de candeeiros para electricidade, banheiras a Escudos 750\$00, louças sanitárias fogões para gás e petroleo

Fazem-se reparações de electricidade, agua e gás

BASILISA PEDROSA
Parteira diplomada
Rua Augusta, 275-4.º — Tel. 2 9607

BOLSA DE LISBOA

VALORES	fechado	Compra	venda
Fundos do Estado			
Consolidado 2 3/4 I. 10	1.000\$	—	1.000\$
Consolidado 3 % I. 10	1.023\$	1.022\$	1.024\$
Consolidado 3 1/2 I. 10	1.079\$	1.078\$	1.080\$
Consolidado 3 3/4 I. 10	1.012\$	1.012\$	—
Centenários 4 %	2.529\$	2.527\$	2.529\$
Obrigs. 1. 2 1/2 1942	1.013\$	1.011\$	1.013\$
Obrigs. 1. 2 1/2 1943	—	1.011\$	1.013\$
Externas 1.ª série	—	1.880\$	—
Externas 1.ª carimbadas	—	1.770\$	1.780\$
Externas 3.ª série	—	1.950\$	—
Externas 3.ª carimbadas	—	1.800\$	1.810\$
Caut. da 3.ª série s/juro	—	295\$	—
Ações			
Esp.St.º e Com.L.ª port.	2.970\$	2.970\$	2.990\$
Lisboa e Açores por...	—	1.130\$	—
Ultramarino op. l. p...	886\$	886\$	887\$
Portugal port. T. p...	1.745\$	1.740\$	1.750\$
Fidelidade	—	57.000\$	59.000\$
Mundial	1.630\$	1.620\$	1.630\$
Nacional	—	1.680\$	—
Sagres	—	1.700\$	1.950\$
Agua Lisboa 1934 I.p.	—	—	230\$
Cimentos Leiria I. p...	550\$	548\$	550\$
Gás e Electricidade cup.	334\$	333\$	335\$
Alto Alentejo cupão...	716\$	715\$	718\$
Industrial Aliança ...	410\$	408\$	411\$
Portugal e Colónias ...	274\$	273\$	274\$
Nacional Naveg I. p...	1.046\$	1.045\$	1.047\$
Colonial Navegação ...	1.305\$	1.301\$	1.315\$
Portug.ª de Pesca I. p.	—	910\$	945\$
Tabacos Portugal cupão	583\$	582\$	584\$
Port.ª de Tabacos cupão	—	681\$	690\$
Cassequil	1.161\$	1.160\$	1.162\$
Agricultura das Neves	—	795\$	805\$
Agricultura Colonial ...	540\$	538\$	542\$
Açúcar de Angola ...	2.423\$	2.423\$	2.434\$
Buzi	215\$	214\$	215\$
Ilha do Principe ...	675\$	670\$	680\$
Zambézia I. de 25 ...	119\$	119\$	119\$
Obrigações			
Agua Lisboa 5 %	—	—	560\$
Norte de Portugal 5%	—	114\$	116\$
C. P. 6 %	181\$	180\$	183\$
C. P. 6 % Beira Baixa	206\$	207\$	—
F.N.I. Moagem 5% I.p.	—	1.020\$	1.030\$
União Electrica 4 1/2...	—	110\$	—

VICTOR GONÇALVES, L.ª
CAMBISTAS

Moeda estrangeira, ouro, papéis de crédito.
R. do Ouro, 152.—Tel. 26558—Teleg. Torgon.

UM BRINDE AGUA DE COLONIA «NILUS»

Rivaliza com as melhores estrangeiras. Enviamos pelo correio sem despesas a cobrança pelo preço do custo, 12\$50, a título de reclame. Pedidos a «SOREL». Rua Oriental—Monte Arroio, 121, COIMBRA; ou à Corporação dos Produtos Internacionais, L.ª, Calçada Nova do Colégio, 4—LISBOA.

A posse do novo governador civil do Porto

(Continuação da 1.ª pag.)

honrosas atribuições de governador civil do distrito do Porto.

Meus senhores: Pouco mais de um ano decorreu após o dia em que, nesta mesma sala, transbordante de entusiasmo e de ardente fé nacionalista, eu empossei, no cargo de governador civil do distrito, o coronel Anibal Bessa—português de lei, militar de alto valor profissional, servidor dotado da maior lealdade, inteligência e saber. Da sua inextinguível dedicação e probidade muito haveria a esperar, mas a fatalidade do destino caprichou em que fosse curto o notável exercício da sua patriótica actividade.

Ao voltar aqui, na mesma sincera intenção de entregar a suprema magistratura administrativa do distrito a um português dotado das qualidades de que o Porto é merecedor, eu não posso deixar de recordar, com sentida emoção, o desaparecimento do amigo, do camarada, do colaborador exemplar—do português pelo coração, pelo sentimento pela inextinguível generosidade do seu fino e excelso carácter.

Seria igualmente injusto se esquecesse, e publicamente não manifestasse, o apreço devido ao sr. governador civil substituto, dr. Mário de Almeida, pela forma sensata, inteligente e digna como—no impedimento do governador civil efectivo e nas horas agitadas que o Porto viveu—soube acompanhar os acontecimentos com a serenidade aconselhável, não obstante o seu precário estado de saúde.

Sr. governador civil: O conhecimento que v. ex.ª tem da minha maneira de ser, forma de pensar e de agir, a par das declarações várias vezes produzidas em outros actos desta natureza, dispensa-me, com manifesto benefício das pessoas amigas aqui presentes, que me alongue em considerações.

Está v. ex.ª integrado no pensamento do Governo e dispõe das qualidades de bom senso, energia, carácter e inteligência adequadas ao desempenho do alto cargo para que foi nomeado.

Como militar, acima de quaisquer conveniências partidárias, coloca v. ex.ª, e muito bem, os superiores interesses de Portugal.

E assim deve ser. Para os militares a unidade da frente importa em um alto e particular interesse relativamente às superiores conveniências da defesa nacional.

Os indivíduos com coração e alma de soldado, apreciam com mais profundo desgosto as dissensões internas, vêem-nas por prisma diferente, sentem-nas com outra amargura, e, uma vez curadas, esquecem-nas com maior facilidade e mais íntima satisfação.

Sr. governador civil: Os esforços que v. ex.ª despender para chamar ao convencimento e a razão os que dela andam afastados, serão coroados do melhor êxito, estou certo disso, se v. ex.ª nunca duvidar do patriotismo e da extraordinária dedicação do bom povo português.

A dura experiência observada na maioria dos países convulsionados pelo port-guerra, cada vez mais aconselha os portugueses a conservarem a unidade nacional que os tem defendido da ruína provocada nos povos pela fragmentação partidária.

O panorama político, social e económico do mundo, a extrema acuidade atingida pelo problema alimentar, cuja gravidade os mais categorizados estadistas do mundo não escondem, enchem de sombras os horizontes da vida internacional.

Quando comparamos as nossas remediáveis dificuldades e passagens atribuições, a tranquilidade honestidade da consciência política nacional nas suas relações externas, a paz dos nossos lares intactos, a integridade dos nossos prósperos territórios, com as devastações morais e materiais que atormentam tantos povos dignos de igual sorte, sentimos, os que o podem sentir, quando vale a pena poder morrer-se com aquela mesma inabalável e nobilitante certeza de bem ter servido a Pátria, com que tombou há dias nesta cidade o grande capitão Romero, herói e mártir da causa nacional.

Meus senhores: Em consequência dos maus anos agrícolas decorridos e de outras causas de que não somos responsáveis, as perspectivas económicas dos meses que se aproximam exigem de todos a maior compreensão e a mais esforçada diligência a fim de que outros males não agravem os problemas a resolver.

Aguardemos todos com disciplina, patriotismo e resignação o regresso às naturais condições de equilíbrio e normalidade da vida económica nacional, que melhores dias surgirão, desanuviando o ambiente social das dificuldades presentes.

O Governo de Salazar não se poupa a esforços para assegurar a paz pública, valorizar a economia e melhorar o nível de vida das classes média e trabalhadora como as recentes medidas legislativas apresentadas à Assembleia Nacional evidenciam.

No campo da assistência, a reorganização dos respectivos serviços, a reforma hospitalar e a instituição do «Socorro Social» espalham, com generosidade e em ritmo crescente, os maiores benefícios pelos verdadeiros necessitados.

Espero, especialmente, sr. governador civil, dever à grandeza de animo e sensibilidade do seu coração um notável incremento na campanha em curso de forma que ela seja o mais eficaz instrumento da melhor solidariedade nacional, como é nossa comum e veemente aspiração.

Resta-me, sr. governador civil, agradecer-lhe, em nome do Governo, a pronta e decidida colaboração que v. ex.ª nos prometeu, assegurando-lhe que o acompanharei no pensamento e na acção, com a mesma fé e diligência com que procuro servir, em todos os actos da vida, o interesse nacional.

Dispõe v. ex.ª neste distrito do competente e necessário apoio da União Nacional, superiormente orientada, da patriótica Legião Portuguesa, da sólida camaradagem dos seus irmãos de armas, da desinteressada contribuição de numerosas dedicadas tantas vezes postas à prova e, sobretudo, de uma grande e generosa alma popular que não regateia auxílio nem nega justiça a que, como v. ex.ª, sabe conduzir-se com igual nobreza e galhardia nos períodos calmos e nas horas difíceis.

E nesta certeza lhe entrego o governo civil do Porto com os votos sinceros das maiores felicidades no exercício do seu honroso cargo.

Fala o governador civil substituto

Falou depois o sr. dr. Mário de Almeida, que se referiu em breves palavras à sua actividade e orientação seguida durante o período em que, como governador civil substituto em exercício, orientou a política do distrito, e à excelente cooperação que lhe foi dada pelo presidente da comissão distrital da União Nacional, dr. Antunes Guimarães. Salientou mais adiante a obra do Socorro Social e os inúmeros benefícios concedidos por sugestão do saudoso coronel dr. Anibal Bessa, entre os quais

doso coronel dr. Anibal Bessa e terminou por apresentar cumprimentos de boas vindas e felicitações ao novo chefe do distrito.

O sr. dr. Antunes Guimarães saudou depois o novo governador civil e recordou a sua vinda ao Porto, em Fevereiro de 1927 para restabelecer a ordem, e terminou oferecendo-lhe o seu apoio e o dos organismos que representa. O sr. dr. Mendes do Amaral saudou também o novo chefe do distrito em nome da União Nacional.

O discurso do chefe do distrito

O sr. coronel Joviano Lopes começou por saudar os srs. ministros do Interior e da Guerra e por agradecer o acolhimento de todas as outras entidades presentes, dizendo:

—Declaro que farei o possível para que ele perdure, tanto mais quanto sei também quanto é firme o carácter dos bons portugueses. Espero, assim, a ajuda de todos, na certeza de que seremos bons companheiros de trabalho. Vão ainda as minhas saudações para todos os do Douro, os que labutam no mar e na terra metropolitana e os que no Ultramar afirmam o crédito já tradicional das excelsas qualidades que os distinguem, entre todos os outros, como elementos preciosos de colonização ou de actividade económica. Junto nestas saudações todo o meu orgulho de português e toda a minha alegria de patriota, porque senti e vi, ou nas terras longínquas do Império, ou nas do outro lado do Atlântico, o alto apreço em que são tidos o trabalho e a conduta exemplares dos filhos desta região: são eles, com tantos outros, que criam em nós, os que temos a ventura de percorrer essas terras queridas o culto pela gente portuguesa. E' este culto que me leva a dar mais decidida colaboração aos elementos que aqui são trabalhadores, activos e persistentes, ordeiros e bons; não tenho outro fim, devo esclarecer, senão o de contribuir com o meu pequeno esforço para o maior progresso das actividades locais e sempre no sentido da maior valorização da economia nacional. Se conseguir tal objectivo, terei cumprido a minha maior aspiração. Apresento-me, pois, como um trabalhador mais que vem juntar-se à grande massa dos trabalhadores do Norte.

Declarou, por ultimo, que o seu partido político, hoje como ontem e sempre, será Português.

Dirigindo-se ao sr. ministro da Guerra, afirmou:

—A presença de v. ex.ª, sr. ministro, nesta cerimónia não deve interpretar-se como significando uma homenagem de ordem pessoal ao mais emodesto dos seus colaboradores. Outra intenção animou v. ex.ª a vir aqui, mas essa muito mais alta e verdadeiramente sublime (permita v. ex.ª que lhe desvende a alma!): E, voltando-se, novamente, para o sr. ministro do Interior, exclamou:

—Espero que v. ex.ª continue a dispensar a esta terra o seu reconhecido carinho, com a sua alma boa e generosa. Da cidade do Porto, deste altar da Pátria, eu tenho a honra de saudar em v. ex.ª o Governo da Nação, o seu prestigioso chefe e o grande Chefe do Estado. O novo chefe do distrito foi depois muito cumprimentado por todos.

Aos ministros que vieram assistir à posse, será esta noite oferecido, no Palácio de Cristal, um banquete a que assistem as forças vivas e os representantes dos organismos locais.

SENHORAS

Enviamos pelo correio, a título de reclame sem despesa e pelo preço do custo, tubo peq. 8\$00, grande 11\$00 os melhores cremes predilectos e novidade dos Institutos de beleza ingleses e americanos para uso de dia, á base de licitina de ovos e gelatina. Para de noite (rosado), á base de Lanolina e Hamamelis. Em poucos dias a pele adquire uma beleza surpreendente. Em caso contrário restituimos a importância. Pedidos a «Sorel», Rua Oriental, Monte Arroio, 121, Coimbra, ou à Corporação de Produtos Internacionais, L.ª, Calçada Nova do Colégio, 4, r/c., Lisboa.

Aos Rádio-Técnicos

Temos em exposição os mais recentes aparelhos de análise e pesquisa a preços modicos

VARIADO SORTIDO DE VALVULAS

ELECTRO-LISBOA, L.ª

Rua Augusta, n.º 246-248

Telefone 20: 68

DR. MIGUEL DE MAGALHÃES

Monitor da clinica de Necker—Paris

RINS, vias urinárias—Venero—Sifilis

T. Nova de S. Domingos, 9, 1.º, ás 15 horas

Telefone 2 9062

UM BRINDE «PARAMOUNT» AS SENHORAS 5 AMOSTRAS GRATIS

BRILHANTINA «PARAMOUNT»

em 10 cores
A unica brilhantina cujo segredo do brilho é exclusivo da PARAMOUNT

UM TUBO AMOSTRA
ÁGUA DE COLÓNIA
BIG-BEN

criada em homenagem á B. B. C. de Londres
A B. B. C. falou e o Mundo acreditou

UM FRASCO AMOSTRA

CREME «PARAMOUNT»

PARA DE DIA

(CLARA DE OVO)

UM TUBO AMOSTRA

CREME «PARAMOUNT»

PARA DE NOITE

UM TUBO AMOSTRA

PÓ DE ARROZ «PARAMOUNT»

na cor desejada

CORPORAÇÃO DE PRODUTOS INTERNACIONAIS, L.ª
CALÇADA NOVA DO COLEGIO, 4 — LISBOA



5 AMOSTRAS
ENVIANDO
ESTE TALÃO
E 2\$50
EM SELOS
PARA DESPESAS
DO CORREIO
RECEBERA
NA VOLTA AS
5 AMOSTRAS

As amostras podem ser pedidas ás seguintes casas:

**PESTANA BRANCO
& FERNANDES, LD.ª**
R. dos Sapateiros, 39, 1.º
LISBOA

**SOCIEDADE
CORTEICOS, LD.ª**
Rua Formosa, 154
PORTO

«SOREL»
Rua Oriental—Monte Arroio 121
COIMBRA

A' VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS
DO IMPERIO PORTUGUÊS

Tubo pequeno: 8\$00—Tubo grande: 11\$00

OU A

Guinazu

desmente as acusações dos Estados Unidos contra a Argentina

BUENOS AIRES, 20. — O dr. Henriques Ruiz Guinazu, ministro dos Estrangeiros da Argentina até 1943, numa declaração publicada ontem à noite, desmentiu as acusações contidas no memorandum do departamento de Estado americano de 12 de Fevereiro. Diz que o Governo americano sabia que em 15 de Junho de 1942 o Governo da Argentina recebera da embaixada alemã, em Buenos Aires, uma proposta para os navios argentinos seguirem rotas secretas alemãs para Norfolk (Virgínia) e Baltimore (Maryland), na costa leste dos Estados Unidos, então bloqueada. O governo da Argentina rejeitou, pois o aproveitamento dessa oferta não estava em conformidade com a neutralidade.

O encarregado de Negócios da Argentina em Berlim recebeu instruções para informar o Governo alemão de que a Argentina se reservava o direito de livre navegação dos navios argentinos, onde quer que fosse, em conformidade com a doutrina tradicional da América, antecipando-se à declaração de Sumner Welles de não reconhecer o bloqueio continental.

Ruiz Guinazu pergunta: — Por que é que todo este ponto importante foi omitido no memorandum do departamento de Estado? — (R.).

O Livro Azul sobre a Argentina não fora submetido à Inglaterra

WASHINGTON, 20. — O secretário de Estado disse ontem à noite que o recente Livro Azul do departamento de Estado sobre a Argentina não fora submetido à Grã-Bretanha para aprovação, pois se considerara um assunto unicamente inter-americano.

James Byrnes disse que não achava que a publicação do Livro Azul, na véspera das eleições da Argentina, constituísse uma violação do princípio de não intervenção, como se disse em Buenos Aires. Acentuou que o departamento de Estado não publicou qualquer comentário antes da chegada de informações muito importantes. A obrigação do departamento era publicar os documentos o mais brevemente possível e as consequências da sua publicação não eram assunto que lhe dissesse respeito.

Byrnes disse que não houvera qualquer mudança da política americana para com a Argentina e que nada se podia dizer acerca dessa política até se ter tratado plenamente com todas as outras repúblicas americanas. As maneiras de ver dalguns desses governos já tinham sido comunicadas aos Estados Unidos.

Perguntado sobre se os Estados Unidos tencionavam suspender os abastecimentos de pneus e maquinaria à Argentina, respondeu que todo o equipamento possível está a ser enviado e continuará a sê-lo para auxiliar os transportes de trigo da Argentina que são urgentemente precisos no estrangeiro. Relembrou a gravidade da situação alimentar mundial e que a Argentina é um dos maiores produtores de trigo. — (R.).

A estalagem dos Capotes Brancos
Rua «Diário de Notícias», 151-153
(Frente ao Elevador da Glória)

INAUGUROU HOJE as suas novas instalações, ficando a ser uma das casas mais típicas e castiças dos meios alfacinhas. Com um serviço de cozinha esmerado, e frequentada por uma clientela seleccionada, é bem digna de uma longa vida, para assim compensar os esforços empregados pelos seus proprietários. Os poetas e a velha guarda ficam assim com um cantinho familiar e português para matar saudades dos velhos tempos.

**Camilo vai ter, enfim,
uma estátua em Lisboa**

Um magnífico artigo do dr. Luiz de Oliveira Guimarães. Atenção a todos os camilianistas! Leia amanhã «Vida Mundial Ilustrada».

Debate nos Comuns acêrca da política externa da Grã-Bretanha

LONDRES, 20. — Hoje e amanhã será discutida a política estrangeira na Câmara dos Comuns e os órgãos conservador «Daily Express» e liberal «Manchester Guardian» consagram os artigos de fundo às relações da Grã-Bretanha com a Rússia. O «Daily Express» diz que é evidente «que pioraram as nossas relações com as potências estrangeiras e, principalmente, com a Rússia» e acrescenta que a colaboração iniciada durante a guerra «é demasiado importante para o mundo, para que se perca. Os resultados dessa colaboração estão apenas no seu início e não no seu fim. Acariñar e encorajar relações mais intimas com a Rússia interessa não só à política internacional, mas também ao comércio britânico».

O «Manchester Guardian», depois de recordar vários incidentes no Conselho de Segurança das Nações Unidas, declara: «A fraqueza e as hesitações da diplomacia americana — aliás cheia de boas intenções, mas sem firmeza e persistência — lançou um peso tremendo sobre a Grã-Bretanha. Tivemos de assumir a missão de chefes do liberalismo ocidental, papel que parecia destiná-la à América do Norte. Esta situação expõe-nos aos ataques da Rússia». — (R.).

Os segredos da bomba atómica foram enviados para Inglaterra para sua melhor salvaguarda

MONTREAL, 20. — Sabe-se de fonte autorizada que vários documentos referentes à fabricação da bomba atómica e de importantes pesquisas efectuadas sobre a energia atómica foram enviados de Montreal para a Grã-Bretanha para sua melhor salvaguarda. Foram também enviados os planos do professor J. D. Cockroft, director do Laboratório do Conselho Nacional de Pesquisas de Montreal, para a construção de uma grande fábrica na Inglaterra, destinada a fazer estudos sobre a energia atómica, assim como muitos documentos importantes.

Aquele laboratório e todos os funcionários que nele trabalham estão a ser rigorosamente vigiados. Esses funcionários revelaram que, há algumas semanas, alguns indivíduos tentaram penetrar no edifício.

Ontem, em várias cidades do Canadá, fizeram-se numerosas prisões de indivíduos suspeitos de envolvimento na rede de espionagem recentemente descoberta. Foram encontrados documentos importantes e, na residência de alguns deles, apreenderam-se emissões de T. S. F.

A companhia canadiana «Westinghouse» anunciou esta manhã que o Departamento Federal do Abastecimento de Munições ordenou a suspensão do envio de todas as encomendas de munições para a Rússia, «por motivos de ordem comercial». A maior ordem colocada, de uma só vez, pelos

TRIGVE H. LIE
primeiro-ministro do mundo
Um sensacional artigo de política internacional de José Correia Ribeiro. Leia amanhã «Vida Mundial Ilustrada».

PARA UMA LEMBRANÇA
ARTÍSTICA? ADQUIRA-A NO
SALÃO DE BRONZES D'ARTE
R. GARRETT-17-1.

Fume "Vernon"
verá que é bom!

Como nasceu a ideia da Organização das Nações Unidas e quais foram as primeiras diligencias para a sua criação

LONDRES, 20. — É comum o erro dos que criticam a Organização das Nações Unidas suporem que se trata da base para o estabelecimento dum Estado Mundial. Esta declaração franca foi feita por Gladlyn Jebb, antigo secretário substituto da O. N. U. e que acompanhou os trabalhos do novo organismo, desde a sua nascente. Jebb fez um relato interessante da forma como se desenvolveu a ideia, a partir de Maio de 1942, data em que foi nomeado chefe do então chamado «Departamento da Reconstrução», cuja tarefa era elaborar planos para o Mundo do após guerra, e disse:

— Era muito difícil nessa época interessar os povos no Mundo do após guerra.

O primeiro passo para a criação da O. N. U. foi dado em 1943, quando Anthony Eden, esteve em Washington e estabeleceu contacto com técnicos americanos que trabalhavam independentemente. De discussões ali realizadas — e que foram extremamente úteis — com o falecido presidente Roosevelt, surgiu a conhecida declaração de Mos-

covo, que se transformou na base do trabalho de todos os técnicos da reconstrução. No inverno de 1943, técnicos britânicos, norte-americanos, russos e chineses prepararam um plano para o futuro. Esse plano foi discutido em Moscovo pelos «Três Grandes», nove meses mais tarde e depois incluído nos trabalhos de Dumbarton Oaks. Tudo se resolveu, finalmente, na famosa conferência de Yalta, que reconheceu o princípio do direito do veto às grandes potências e abriu caminho para a realização da conferência de San Francisco.

Gladlyn Jebb acrescentou: — É importante compreender que cerca de 99 por cento dos princípios e normas da conferência de Dumbarton Oaks foram incorporados na carta das Nações Unidas, sem quaisquer modificações essenciais.

Muitas pessoas desejavam uma organização que não fosse semelhante à antiga Sociedade das Nações. Outros sugeriam a criação de um pequeno Conselho, que seria constituído na base de grupos regionais em vez de nações. Ainda outros proclamavam a necessidade da criação de um Estado Mundial, com um Governo Federal. De todas estas controversias e ideias opostas, surgiu a convicção de que a O. N. U. não deveria ser um organismo muito diferente da antiga Sociedade das Nações. — (R.).

O optimismo de Stettinius
NOVA YORK, 20. — Edward Stettinius, chefe da delegação norte-americana à Assembleia Geral das Nações Unidas, regressou de avião, e declarou aos jornalistas:

— Londres foi a primeira experiência do novo organismo. O que vai seguir-se num futuro imediato na acção efectiva económica internacional será a mais dura experiência que defrontamos. Não podemos deixar de triunfar. A tremenda tarefa de reconstrução e do ressurgimento económico sómente será possível com a actuação vigorosa dos Estados Unidos no campo económico, tanto do país como do estrangeiro. As outras nações têm também a sua parte nesta tarefa e a minha experiência de Londres convenceu-me de que estão dispostas a corresponder às suas responsabilidades. Nós nada podemos sozinho e ninguém espera milagres da nossa parte. O restabelecimento da saúde económica no Mundo depende da íntima cooperação de todos os países. — (R.).

A administração de Berlim

BERLIM, 20. — O comando aliado em Berlim não deu o seu acordo à redacção da proposta para uma nova administração de Berlim, apresentada pelas autoridades municipais, segundo informa o serviço noticioso americano na Alemanha.

O Q. G. Aliado pediu agora a secção jurídica que elabore as bases para essa administração. — (R.).

Tito Schippa em Lisboa

Uma grande reportagem gráfica de Jorge Garcia sobre o grande cantor lírico. Fotos exclusivas. Veja amanhã «Vida Mundial Ilustrada».

SEDAS
Liquidação

Tota! de cortes de seda em boa qualidade, ao preço da fábrica. Lindos desenhos.

C. DO SACRAMENTO, 7, 4.^o
FECHADO DAS 12 AS 14

IMPERIUM SALÃO CHA
LANCHES-BANQUETES-ALMOÇOS-JANTARES
Rua S. Justa 105-T. 27527